

NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, 26 de julho e 1 de agosto de 1963 — Nº 231

Os Comunistas Brasileiros e as Divergências no Movimento Comunista Mundial

(Em matéria que não pode ser publicada separadamente, artigos de Protes e os textos das cartas chinesas e soviéticas)

Casas populares sem água e esgotos

Normal de fato, o movimento popular de luta por água e esgotos em Belo Horizonte, apesar de ter sido interrompido, não deixou de existir. A luta continua, mas a situação das casas populares é precária. A rede de esgoto está interrompida, os reservatórios de água (fô) estão sempre vazios. Constatou-se, então, que o núcleo residencial não apresentava condições de habitabilidade quando foi entregue aos seus moradores. Resultado: quem paga a conta do Marcial é o povo. (Reportagem na 3.ª página).



Desapropriação de Carone vai beneficiar Luciano

Antônio Luciano, latifundiário, banqueiro, dono de fábrica, usineiro, proprietário de terras, deputado federal, chegou ao poder de ouro (pagou caríssimo os seus votos) e fazendo a campanha contra a Reforma Agrária (com o que iludiu muitos incautos que foram na «onda» da sua cantiga ibadeana, será o grande beneficiado com a desapropriação dos seus terrenos pela Prefeitura. O prefeito Jorge Carone, que parece que é amigo do Luciano, não quer esperar a aprovação da emenda constitucional para fazer o pagamento das terras desapropriadas em títulos. Vai pagar é já. Em dinheiro contado, desembolsando bilhões que não são seus, é claro. Quem vai pagar é o povo. (Reportagem na 6.ª página).

Semana Contra a Fome e a Espoliação

O Brasil mobiliza-se, sob o comando das entidades de trabalhadores, do CGT, da CNTI e outras confederações para a semana nacional pelas reformas e contra a fome. Durante sete dias, em todo o País, manifestando-se das mais diferentes maneiras, o povo dirá que a reforma agrária deverá sair já, com reforma da Constituição. Não uma reforma fruto dos cochavos, dos arregios, da conciliação com os reacionários do PSD, mas aquela reforma que possibilita realmente a liquidação do latifúndio. Manifestar-se os brasileiros, durante a semana, seu protesto contra a carestia. Protesto concreto, quando se sabe que nestes dias, vergenhosamente, o Governo facilita o aumento do leite, do pão, da carne; em que o Senado se curva à pressão dos trustes norte-americanos da indústria farmacêutica, rejeitando o congelamento dos remédios e permitindo dessa forma a desconfortada e cada vez mais desastrosa e nefasta situação do setor. Durante sete dias os trabalhadores e o povo assinalarão também a disposição de lutar, e mais enérgicamente, contra o processo espoliativo, a exploração imperialista do Brasil. De 1 a 7 de agosto o povo estará nas ruas e praças, nas sedes dos sindicatos, das entidades estudantis, protestando e exigindo. Ouvindo os parlamentares nacionalistas, os dirigentes sindicais e estudantis. Para isso, a mobilização é intensa em todo o País. Assumindo o comando efetivo da luta, as entidades sindicais na Guanabara e em São Paulo já se movimentam na execução de um amplo trabalho de preparação das manifestações. As sedes dos sindicatos já estão abertas para as palestras que os deputados nacionalistas vêm realizando. Em São Paulo, diariamente, dezenas de comícios são realizados nos bairros e nas portas de fábricas. Convencidos da necessidade da pressão, os trabalhadores, os estudantes, os líderes políticos nacionalistas lançam-se intensamente à campanha, denunciando as manobras reacionárias contra as reformas, os golpistas, e clamando desde já o povo a lutar e manifestar-se enérgicamente em favor das modificações de estrutura que liquidem de uma vez com a espoliação e a carestia. (Editorial na 3.ª página, reportagem na 2.ª e, na 8.ª, denúncia de NR sobre o escândalo do aumento do preço do leite).

Terror Policial Não Impediu o Protesto do Povo

O povo gaúcho falou pelo Brasil. Foi às ruas, enfrentou a mais violenta repressão policial, verdadeiro terror desencadeado pelos beaguis que atuam sob as ordens de um chefe de polícia udenista, para dizer ao governador, que simbolizaram com os corvos que lançavam contra o veículo que o povo deste País rechaça os fascistas e lacaios do imperialismo lanque. Contra Lacerda protestaram os trabalhadores, os estudantes, os funcionários, soldados e oficiais do 3.º Exército. De flagram greve os ferroviários, os esta-

dantes impediram que Lacerda falasse na Universidade, em greve se declararam também os trabalhadores, os motoristas e trocadores dos ônibus elétricos; paralisaram ainda os portuários. Contra as justas manifestações de repúdio, o governador Meneguetti e o udenista que comanda a polícia cometeram as maiores violências. Centenas de pessoas foram presas e espancadas; um general-gaúcho bateu um trabalhador (o criminoso e bandido não foi preso pela polícia que assistiu e agrediu). Leia reportagem na 7.ª página.

Acôrd de Moscou

Acaba de vencer uma importante etapa a luta que as forças amantes da paz vêm travando, há muitos anos, pela proscricão das armas atômicas. Reunidos em Moscou, os representantes oficiais dos Estados Unidos, Inglaterra e URSS concluíram o acôrd pelo qual ficam proibidas as provas de armas nucleares atmosféricas, espaciais e submarinas. Embora não fossem ainda incluídas no acôrd, as experiências subterrâneas, não há a menor dúvida de que o comprometimento alcançado na capital soviética representa um significativo passo no caminho da definitiva proibição das armas termonucleares e, pro-

ximamente, do desarmamento geral e completo — aspiração profunda dos homens e mulheres de todo o mundo. O acôrd concluído em Moscou, além de importante pelos seus resultados imediatos — a proibição das experiências atômicas — é igualmente significativo pelas perspectivas que abre. De fato, o entendimento havido entre as três potências nucleares indica, de maneira concreta, que é real e não imaginária, a possibilidade de acordos parciais entre os países representativos dos dois grandes campos em que se divide o mundo em torno de reivindicações que ser-

vem à causa da paz. Isso constitui mais uma comprovação — certamente a mais importante, depois dos entendimentos do ano passado em torno da «crise do Caribe» — do acêrto da política de coexistência pacífica, ardentemente defendida por todas as pessoas preocupadas em evitar o desencadeamento de uma catastrófica guerra termonuclear, cujo preço seria a morte de milhões de seres humanos e a destruição de grande parte daquilo que de melhor foi até hoje criado pela civilização. O acôrd concluído em Moscou estimula, por isso, as forças amantes da paz a dar

continuidade — e com uma força redobrada — à sua luta contra a guerra, pela proibição das armas atômicas e pelo desarmamento geral e completo, nos quadros da política de coexistência pacífica. Um novo passo imediato nesse sentido seria a aceitação da proposta formulada pelo governo soviético da assinatura de um tratado de não-agressão entre a NATO e o Pacto de Varsóvia. As pessoas amantes da paz saudam o acôrd de Moscou e, sob o seu estímulo, intensificarão mais ainda a sua luta para afastar, em definitivo, as ameaças de guerra que pesam sobre a humanidade.

DEMORA DO MINISTRO BENEFICIA HANNA QUE CONTINUA A EXPORTAR

Enquanto não é julgado o embargo da Hanna Corp., o poderoso truste lanque do ferro que opera no Brasil, contra decisão do saudoso Ministro Gabriel Passos, a companhia norte-americana continua a exportar ilegalmente o minério das terras mineiras. A responsabilidade por esta situação irregular cabe ao ministro do Tribunal Federal de Recursos, Godói Ilha, que ainda não deu parecer no mandado impetrado pela subsidiária mineira da companhia norte-americana. (Reportagem na 2.ª página).

Conferência do Comércio Exterior Recomenda Mais Negócios Com Área Socialista

Reunidos em Belo Horizonte na VI Conferência Brasileira de Comércio Exterior, 300 representantes da indústria e do comércio em nosso país discutiram durante 3 dias os problemas relacionados com este importante setor das relações estrangeiras do Brasil. Aprovaram, no conclave, moção recomendando a intensificação do intercâmbio comercial com os países socialistas, assim como resoluções relacionadas com a defesa dos preços dos produtos brasileiros de exportação. Representantes de 21 países (entre eles 9 socialistas) participaram do certame. — Reportagem na 2.ª página

Demora em Julgar Ato Que Cassou Concessões da Hanna Beneficia a Empresa, Que Continua Exportando Ilegalmente o Minério de Minas

MAIS COMPRAS

O ritmo de vendas na Rumânia alcançou, nos três últimos anos, um aumento de 14,4%, superior ao previsto no Plano Sexenal. Esse resultado se deve ao maior volume e ao aumento do salário real dos trabalhadores e ao constante desenvolvimento da rede de armazéns nas cidades e no campo. O número de armazéns supera os 52.000, dos quais 27.000 rurais, de modo que, para um grupo de 350 habitantes corresponde um armazém. Entretanto, cada vez mais os métodos modernos no comércio rumeno: o supermercado, o pagamento direto ao vendedor, as exposições. Os trabalhadores no comércio, em sua grande maioria, são graduados pelas escolas profissionais ou em cursos de especialização.

CONSTRUÇÃO NAVAL

Nos estaleiros navais "Tito", de Kraljevic (Iugoslávia), foi ultimado há pouco o navio "Sagaridip", encomendado pelo Ministério dos Transportes da Índia. É o maior barco construído até agora no mundo para atender aos faróis marítimos e colocar faróis flutuantes. Sua capacidade é de 1.554 toneladas e está dotado de uma instalação excepcionalmente potente para manejar os faróis flutuantes. Na sua cobertura poderá receber helicópteros e conta com uma oficina para a reparação desses faróis.

REFORMA DE FATO

A verba de 281.844.835 dólares está prevista no orçamento de Cuba do ano de 1963, para o desenvolvimento agrícola. Esta soma é destinada ao INRA (Instituto Nacional da Reforma Agrária). Como se sabe, a Lei da Reforma Agrária, além de dar a propriedade da terra aos camponeses, introduziu a diversificação dos plantios, para que o país não dependesse, no futuro, de um só produto, a cana. Agora, as Granjas do povo recebem ajuda para várias culturas, bem como para a criação de gado vacum, aves, etc. Alguns números de anos anteriores: 1958/59, 4.537.476; 1945, 2.340.427.

MUITA ENERGIA

Nas empresas do combinado de construção de máquinas elétricas, "Elektrosila", de Jeningka, foi ultimada a montagem de um turbogerador de 320.000 r. e 320.000 r. KW. A gigantesca máquina, que pesa 350 toneladas, passou com êxito por todos os testes a que foi submetida. A quantidade de energia proporcionada pelo novo aparelho permite substituir a força física de seis milhões de homens, laminar 150 mil toneladas de aço ou tecer três milhões de metros de fiação. Agora, o combinado já projetou turbo e hidrogenadores de uma potência de 500 mil KW e estão sendo desenhadas máquinas de 800 mil kw.

EM BUSCA DE PAZ

Dois soldados da Alemanha Ocidental pediram asilo às autoridades da República Democrática Alemã, na última semana. São eles Hans-Jürgen Kant, da Esquadilha de Caca 72 e o cabo Herbert Schweizer, do Batalhão de Tanques 273. Logo ao chegar, disseram os soldados que "treinam a ideia de terem de disparar contra seus irmãos". Schweizer declarou de deixar trabalho na sua profissão de pintor "e dar assim sentido à sua vida".

TRABALHO COMUNISTA

Os trabalhadores da União Soviética estão empenhados na luta pelo trabalho comunista. São 23 milhões os que participam dessa campanha. Seguindo o exemplo de Yulia Vercherova, famosa tecelã da cidade de Ivanovo, 90 mil operários da indústria têxtil e ligeira já alcançaram o nível de rendimento das instalações previstas para o fim do Plano Septenal (1965). A tecelã Valentina Gaganova declarou que mais de 50 mil trabalhadores avançados passaram a atuar em setores atrasados, transformando-os em setores de vanguarda.

NOVAS FACULDADES

A Faculdade de Miskolc, na Hungria, poderá acolher 5.600 estudantes ao término dos trabalhos que estão em curso. Uma nova faculdade vai ser construída em Győr. Em Veszprém, uma cidade universitária com 600 lugares será inaugurada nos fins de 1964. Estes trabalhos serão possíveis com a construção de um prédio de 16 pavimentos, que compreenderá três anfiteatros, laboratórios de pesquisas e de trabalhos práticos, inclusive um para o trabalho sobre isótopos, salas de conferências e de trabalho. Essas cidades são localizadas no interior da Hungria.

RECEPTORES

Recentemente, a primeira empresa de fabricação de aparelhos de rádio da cidade de Sófia — A Empresa de Baixa Tensão — produziu o milionésimo aparelho receptor búlgaro. A produção diária é de 500 unidades de alta qualidade, sendo 45% destinados à exportação. Estão sendo elaborados projetos para melhorar a produção de transistores, estêreos, televisões de luxo, bem como um tipo de rádio "Estéreo-Super", de baixa frequência. Há 12 empresas especializadas e foi criado também um Instituto de Investigações Científicas para aparelhos eletrônicos.

O Tribunal Federal de Recursos, porque o relator ministro Godol ainda não concluiu seu parecer, vem adiando, desde 3 de junho último, o julgamento do mandado de segurança impetrado pela Companhia Novallimense de Mineração, subsidiária da Hanna Corporation, contra a portaria do ex-ministro Gabriel Passos assinou, poucos dias antes de falecer, cassando suas concessões de exportação de minério. O ato do ex-ministro das Minas e Energia tornou nula a averbação concedida à empresa, em 1958, transformando a concessão de jazida em mina de que a companhia necessita para poder explorar as extensas reservas que conseguiu, na primeira forma.

No mandado de segurança que impetrou, a Hanna Corporation alega que a assinatura do ato de cassação do sr. Gabriel Passos foi falsificada por seu filho, deputado Celso Passos, justificando que somente foi assinado dois dias antes da morte do ex-ministro das Minas e Energia. O relator do processo, ministro Godol, concedeu liminar à empresa anulando o ato que retira as concessões e permitindo, mesmo que a companhia venha a perder a causa, que ela não venha a pagar qualquer indenização pelo minério que continua extraindo.

ANTECEDENTES

A Hanna Corporation está ligada intimamente a um grupo de amigos íntimos do ex-presidente Eisenhower, denominado "Gabinete do Golfo de Anagusta". Este grupo, que deveria ser nomeado para o gabinete, estabelecia o programa fiscal, determinava o orçamento das festas na Casa Branca — inclusive, para secretário do Tesouro no governo Eisenhower, nomearam George Magoffin Humphrey, que figurava entre os homens que pagavam taxas mais elevadas e que, portanto, gostaria de reduzi-las. George Magoffin Humphrey, tinha ações de sete grandes empresas das quais era diretor executivo, três empresas das quais era presidente e trinta e quatro empresas das quais era diretor. O valor total de suas ações ascendia a 2 bilhões e 400 milhões de dólares e compreendia cotas de ações de Pittsburgh Consolidation Coal, a maior empresa carbonífera do mundo,

Industrial Rayon; um dos maiores bancos de Cleveland; uma refinaria de açúcar; uma refinaria de níquel; grandes depósitos de minérios de ferro; até mesmo uma fábrica de biscoitos. Humphrey dirigiu no meio pelo grupo de Wall Street, que se reuniu no Augusta Golf Club com Eisenhower, a fabuloso império econômico da Hanna Corporation. Sua atuação à frente da Secretaria do Tesouro reconquistou em negociações a favor de seu grupo. Durante o período 1953 — 1957, o aumento do valor das ações da Pittsburgh Consolidation Coal foi de 242.148.546 dólares. Mas um caso nos interessa mais de perto. Em março de 1953, o embalsamador brasileiro nos EUA, Walter Moreira Salles, foi convocado pelo secretário do Tesouro, Randolph Burgess, para discutir os termos de um empréstimo de 30 milhões de dólares ao Brasil. Explicou ao embaixador como a Hanna, que fora dirigida pelo secretário do Tesouro, entrara em negociações com o governo brasileiro para obter a concessão da exploração de mangangás no território do Amapá e como a concessão fora dada a uma empresa concorrente, a Bethlehem Steel. Logo depois dessa entrevista, a Brazilian National Steel, empresa da qual o governo brasileiro tem 85% das ações, anulou um contrato que concluiu com a Eastern Fuel and Gas, que lhe fornecia carvão. A empresa brasileira firmara, há mais de dez anos, o contrato de compra de carvão com a firma norte-americana e os termos eram amplamente satisfatórios para ambas as partes. Mas o contrato foi cancelado abruptamente e um pedido de 850 mil toneladas de carvão foi feito à Consolidation Coal Company, empresa do grupo Hanna. Algumas semanas depois, a Brazilian National Steel recebeu um empréstimo de 35 milhões de dólares do Banco de Exportação e Importação (Eximbank), do qual o secretário do Tesouro era um dos diretores.

A Hanna Corporation, segundo o projeto de sua instalação, aplicou em Minas 30 milhões de dólares em equipamentos, obtida a concessão da jazida de minério localizada no município de Nova Lima: estava formada a Companhia Novallimense de Mineração. Com essa inversão, a Hanna remete, anualmente, para o estrangeiro, 36 milhões de dólares, representando, em termos cambiais, um prejuízo vultoso em nosso balanço de pagamentos. Exportando dez milhões de toneladas de minério por ano — ilegalmente, porque é jazida e não mina, conforme o Código de Minas, no qual se baseou, para cassar a concessão, o ex-ministro Gabriel Passos — fatura anualmente 90 milhões de dólares, remetendo a terça parte para o exterior, como lucros. A Companhia. Vale do Rio Doce, que é uma empresa estatal, apresenta lucros brutos de 40 por cento sobre sua receita de operação e, com os mesmos dados, se ampliada, teria esse lucro anualmente, mas não o remeteria para o exterior, a não ser as parcelas de juros e amortizações referentes ao equipamento que viesse a importar. A Hanna Corporation nos traz, portanto, uma receita cambial líquida de 54 milhões de dólares por ano; a receita cambial líquida que a CVRD

traria seria de 86 milhões de dólares. E ela aplicaria no Brasil todo o montante de seus lucros. Nestes anos todos em que está instalada em Minas, a Hanna Corporation vem obtendo tudo o que pretende do Banco do Brasil, com a ajuda de homens como o sr. Lucas Lopes, ex-ministro da Fazenda, ex-secretário da Viação e ex-diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, hoje membro da CONSULTEC e presidente da Companhia Novallimense de Mineração. Além disso, a Rede Ferroviária Federal esteve em vias de se requisar para transportar o minério de empresa, por conta própria, mediante promessa de empréstimo que a Hanna se comprometeu a financiar em organismo financeiro internacional, o que viria prejudicar o escoamento de toda a produção agrícola e industrial do Estado. O sr. Juscelino Kubitschek, perdou-lhe a dívida de 974.734 milhões de cruzeiros através de um decreto promulgado 3 dias antes do fim do seu mandato, e que suprime o item b do art. 227 do Regulamento Geral da Previdência Social, que cobra a taxa de 8% sobre a fatura da produção de minério. E o deputado Ortiz Braga, do Rio Grande do Sul, denunciou, há pouco tempo, na Câmara Federal, que a Companhia Siderúrgica Nacional estaria comprando minério de ferro da Hanna, pagando em dólar.

A situação hoje atualmente ocorre no Tribunal Federal de Recursos, está em jogo o controle de aproximadamente 4 bilhões de toneladas de teor, um dos melhores minérios de ferro do mundo, acumuladas na área da empresa, nas imediações da cidade de Nova Lima. Se o mandado de segurança impetrado pela Hanna Corporation no segundo semestre do ano passado for denegado, essa imensa reserva passará a ser propriedade do Estado, tornando assim nula a averbação concedida à empresa, em 1958, transformando a concessão de jazida em mina. De acordo com o Código de Minas, apenas é permitida à categoria de mina a exploração das reservas que a empresa conseguiu, na forma de jazida. A portaria assinada pelo ex-ministro das Minas e Energia cassou a concessão

de exploração de minérios de diversas companhias, dentre as quais a Companhia Novallimense de Mineração que, para anulá-la, interpôs mandado de segurança. A liminar foi concedida pelo ministro Godol, anulando o ato que retirou as concessões e permitindo que a empresa, mesmo que venha a perder a causa, continue exportando o nosso minério, sem obrigação de pagar nenhuma indenização. O recurso deveria ser julgado no dia 3 de junho último mas, como o sr. Godol, ainda não concluiu seu parecer, a decisão do Tribunal Federal de Recursos vem sendo adiada. Enquanto não se dá o julgamento, suas subsidiárias — empreiteiros como os sr. Jorge Morjan e José P. de Souza — continuarão a exportar o minério de ferro, em condições ilegais, segundo o Código de Minas, porque a concessão dada é de jazida e não de mina, que foi aliás o fundamento do ato do ex-ministro Gabriel Passos.

A Hanna Corporation alega que a assinatura do ato de cassação foi falsificada pelo deputado Celso Passos, filho do sr. Gabriel Passos, justificando que ele somente foi assinado dois dias antes da morte do ex-ministro das Minas e Energia. Além disso, pretende provar a inconstitucionalidade da decisão, baseada em despacho do então presidente Jânio Quadros, de acordo com relatório do professor Silvio Barbosa, do Departamento Nacional de Produção Mineral, que chefou o Grupo de Trabalho criado pelo ex-presidente que constatou as ilegalidades das atividades do "holding".

A situação pode ser mantida assim ainda por algum tempo, através dos advogados mobilizados pela Hanna Corporation, sendo certo que haverá recurso ao Supremo Tribunal Federal. Para isso, a empresa conta com os serviços da Consultoria, da qual faz parte o sr. Lucas Lopes, diretor da Companhia Novallimense de Mineração.

Nota: sobre este assunto, o vereador Dimas Ferrin pronunciou segunda-feira última, um discurso na Câmara Municipal, denunciando o valor do sr. Godol, ministro do Tribunal Federal de Recursos, em julgar o mandado de segurança impetrado pela empresa, o que só vem beneficiá-la.

Depois de Lucius Clay, que desaperançou os simpatizantes da Aliança para o Progresso, prevendo 10 ou 15 anos para a efetivação dessa "ajuda", o senador Wayne Morse previu que o mesmo em 1º de julho de 1963, em programas de ajuda militar e econômica ao exterior "exceto alguns compromissos irrevogáveis", e que se imponham novas condições para uma futura ajuda, condições essas segundo ele, que devem sofrer "mudanças drásticas". Pelo visto, acham pouco o que fizeram na Argentina, Equador, Guatemala, e o que querem fazer nos outros países da América Latina.

Estão muito preocupadas as companhias petrolíferas norte-americanas com a situação política da Argentina. Têm elas pouca clareza a respeito dos objetivos de Arturo Illia, o candidato mais votado na recente farsa eleitoral elaborada pelos gorilas. Parece que essa preocupação é que vem impedindo, até o momento, que se decida afinal quem vai substituir o "presidente" Guido, pois as empresas norte-americanas exigem toda a segurança no negócio. E os gorilas estão lá — por enquanto com a face e o queijo nas mãos — para eleger um novo fantoche e garantir essa segurança.

A Câmara dos Comuns foi agitada com um debate sobre o bloqueio norte-americano a Cuba. O dirigente de um grupo de líderes trabalhistas afirmou que se trata "de uma ameaça à paz mundial". E perguntou se seus pares acreditavam "que é de boa política forçar Cuba pela fome a aceitar a política desajada de destruição de Cuba pela fome era um 'ato sangüinário'". O vice-chanceler respondeu, de modo alambicado, dizendo que o assunto era da alçada do governo norte-americano.

No Haiti, Duvalier anunciou várias mortes de seus inimigos políticos, entre eles o "número 1", Clement Barbot. Como é costume em tais casos, os óbitos ocorreram num "tiroletto com milticianos do governo, quando tentava incendiar um canal". Aliás, Duvalier, quando "se eleger" recentemente, não enganou ninguém: foi tomar posse armado de metralhadora, que passou assim a símbolo de mais um governo representativo nas Américas. Em pleno Caribe.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.



POSIÇÃO IANQUE

biomas de Portugal e da África do Sul, quando o governo de Washington, tomando uma atitude aparentemente anticolonialista, serve na prática "como um verdadeiro escudo das nações e forças colonialistas", impedindo que os povos africanos pela total liquidação de certas colônias do continente. Termina o editorial: "Portugal é o mais execrável poder colonialista e a África do Sul é a nação que pratica as mais desumanas violações dos direitos e dignidades humanas." 80 não concordamos com a "infantildade".

Desde 1961 até o momento, mais de 200 mil cidadãos da Alemanha ocidental foram vítimas de processos judiciais, pela justiça especial política de Bonn. Esses dados sobre a arbitrariedade crescente da justiça germano-occidental contra os que defendem pontos de vista patrióticos foram apresentados pelo dr. Diether Posaner, advogado residente na Alemanha ocidental, a estudantes de Universidade de Berlim-ocete.

Em várias cidades da Coreia do Sul têm havido greves de operários pelo pagamento de seus salários. Na região de Daijeun, 1500 trabalhadores na construção de uma linha de estrada-de-ferro não recebiam seus ordenados há três meses e meio, quando paralisaram o trabalho. Tem havido greves também americanas em várias regiões, bem como contra a realização de períodos de exercícios militares por soldados ianques. A explosão de obuses tem causado várias mortes e prejuízos materiais entre a população da Coreia do Sul.

Ramon Ormazabal é um patriota espanhol. Dirigente operário, comandou as grandes greves de abril e maio de 1962, contra a ditadura de Franco. E até não o perdoou, Ramón já foi condenado, por esse "crime", a monstruosa pena de 20 anos de prisão, por um tribunal suíço. Mas Franco quer mais. Alega que Ormazabal também cometeu crimes na guerra civil e, a exemplo do que fez com Julian Grimau, quer novo julgamento, para conseguir mais um assassinato "legal".

Depois de Lucius Clay, que desaperançou os simpatizantes da Aliança para o Progresso, prevendo 10 ou 15 anos para a efetivação dessa "ajuda", o senador Wayne Morse previu que o mesmo em 1º de julho de 1963, em programas de ajuda militar e econômica ao exterior "exceto alguns compromissos irrevogáveis", e que se imponham novas condições para uma futura ajuda, condições essas segundo ele, que devem sofrer "mudanças drásticas". Pelo visto, acham pouco o que fizeram na Argentina, Equador, Guatemala, e o que querem fazer nos outros países da América Latina.

Estão muito preocupadas as companhias petrolíferas norte-americanas com a situação política da Argentina. Têm elas pouca clareza a respeito dos objetivos de Arturo Illia, o candidato mais votado na recente farsa eleitoral elaborada pelos gorilas. Parece que essa preocupação é que vem impedindo, até o momento, que se decida afinal quem vai substituir o "presidente" Guido, pois as empresas norte-americanas exigem toda a segurança no negócio. E os gorilas estão lá — por enquanto com a face e o queijo nas mãos — para eleger um novo fantoche e garantir essa segurança.

A Câmara dos Comuns foi agitada com um debate sobre o bloqueio norte-americano a Cuba. O dirigente de um grupo de líderes trabalhistas afirmou que se trata "de uma ameaça à paz mundial". E perguntou se seus pares acreditavam "que é de boa política forçar Cuba pela fome a aceitar a política desajada de destruição de Cuba pela fome era um 'ato sangüinário'". O vice-chanceler respondeu, de modo alambicado, dizendo que o assunto era da alçada do governo norte-americano.

No Haiti, Duvalier anunciou várias mortes de seus inimigos políticos, entre eles o "número 1", Clement Barbot. Como é costume em tais casos, os óbitos ocorreram num "tiroletto com milticianos do governo, quando tentava incendiar um canal". Aliás, Duvalier, quando "se eleger" recentemente, não enganou ninguém: foi tomar posse armado de metralhadora, que passou assim a símbolo de mais um governo representativo nas Américas. Em pleno Caribe.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Um grande jornal norte-americano, o "Washington Post", comentando o golpe militar no Equador, disse que a bandeira anticomunista do golpe foi mero "adorno propagandístico" e que seu verdadeiro objetivo seria a solução conservadora das questões sociais, ou, mais claramente, a salvação das oligarquias rurais e a manutenção da servidão nos campos. É, nenhuma solução. É o objetivo dos gorilas locais e seus vizinhos.

Conferência de Comércio Aprovou Maior Intercâmbio Com Países Socialistas

Cerca de 300 representantes do comércio, da indústria e de órgãos públicos federais e estaduais, de 21 países, participaram, em Belo Horizonte, durante os dias 18, 19 e 20, da VI Conferência Brasileira de Comércio Exterior, que teve o objetivo de discutir os principais problemas da exportação de produtos brasileiros, queda de preços de nossas matérias-primas e questões de transporte marítimo, reaparelhamento dos portos e Mercado Comum Latino-Americano.

Entre os países estrangeiros especialmente convidados pela Associação Comercial de Minas, entidade promotora da conferência, vieram sete nações socialistas (União Soviética, Cuba, Tchecoslováquia, Hungria, Bulgária, Rumânia e Polónia), e um observador da República Democrática Alemã (socialista), além de cinco nações latino-americanas, duas asiáticas e oito europeias.

Os conferencistas deram especial atenção ao Mercado Comum Latino-Americano e à defesa dos produtos das pautas de exportações dos países latino-americanos, cujas importações são controladas pelos grandes trustes americanos, causadores de queda nos preços, anomalia de estoques e domínio do transporte marítimo internacional.

O certame foi aberto dia 18 pelo governador Magalhães Pinto e encerrado no dia 20, pelo Ministro das Relações Exteriores, sr. Evandro Lins e Silva, que representou o presidente da República. No seu discurso de encerramento, o presidente da Associação Comercial de Minas, sr. Miguel Augusto Gonçalves de Souza, afirmou, a certa altura, que o Brasil deve tomar parte na corrida a mercados novos, "que é um dos fatos característicos dos dias em que vivemos".

O encerramento de intercâmbio com o Brasil com os países socialistas foi uma das teses aprovadas pela conferência, sob a justificativa de que há mercados imensos para os produtos nacionais, sejam matérias-primas ou produtos semi-industrializados ou industrializados, enquanto que, por outro lado, é crescente o interesse que os países socialistas demonstram de

oferecer condições vantajosas em seu comércio com o Brasil.

A firme oposição de elementos progressistas do comércio mineiro não impediu que o plenário da VI Conferência Brasileira de Comércio Exterior aprovasse proposta reacionária do representante do comércio exportador de São Paulo, para que o Governo federal introduza modificações na lei de remessas de lucros para o exterior, sob a alegação de que a legislação atual "traz empecilhos para a entrada de recursos externos que desejam colaborar com o desenvolvimento econômico do país".

A Associação Comercial de Minas, que foi a única entidade de classe conservadora de todo o país a remeter sugestões à Câmara

de Deputados quando da votação da referida lei, opôs resistência à aprovação dessa proposta, considerada reacionária e antipatriótica, mas a Comissão encarregada de seu estudo aprovou a proposta, aprovando a matéria. Posteriormente, no relatório final da conferência, elaborado pelo professor Obregon de Carvalho, a questão da alteração da lei de remessas de lucros foi abordada ligeiramente, pedindo-se que não sejam aplicadas medidas "discriminatórias" contra o capital estrangeiro que venha a operar no Brasil.

A aprovação desta recomendação de caráter reacionário não satisfez aos elementos progressistas da Associação Comercial, que sempre defenderam a Petrobras, a Eletrobras e outras iniciativas populares de caráter nacionalista. Esses setores confiam, entretanto, em que o Governo federal, sob a pressão das grandes massas de trabalhadores, estudantes e intelectuais que lutaram pela obtenção da lei de remessas de lucros, não permitirá que seja feita qualquer alteração nesta lei, em benefício da indústria e do interesse nacional.

Os tecelões de Juiz de Fora assinaram novo acordo salarial com os seus empregadores. A campanha pelo aumento foi de âmbito estadual, comandada pela Federação dos Tecelões; todavia, somente Juiz de Fora dela não participou, conseguindo igualmente 30% a partir de primeiro de agosto e mais 50% depois de 31 de dezembro, bases idênticas às conquistadas pelos têxteis de todo o Estado. O encontro com os empregadores, para pôr termo aos entendimentos, foi realizado dia 18 último, tendo o deputado e tecelão Sivalva Bambira dito a reportagem ser isso outra vitória da categoria que agora está se empenhando na luta pelo salário família.

Objetivando conseguir o abatimento de 50% nos preços das passagens para os estudantes, nos coletivos, os trabalhadores em troleibus deram início a uma campanha pelo estabelecimento dos cupons-escolares nos ônibus e lotações de Belo Horizonte. Segundo o sr. Eugênio Caetan, autor da proposta, isto virá não só facilitar o transporte dos estudantes, mas também promover uma economia em seus parcos recursos, já que a maioria tem que se servir de duas conduções para chegar até a Escola. Já foram iniciados entendimentos com alguns vereadores para que seja apresentado um projeto na Câmara Municipal, estabelecendo a redução pleiteada.

Realizou-se na Capital, promovido pela Sociedade de Antropologia de Minas Gerais, uma série de conferências sobre o título "O Marxismo como Filosofia Humanista do Nosso Tempo", proferidas pelo prof. Jacob Goreneder, do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro. O curso consistiu de nove conferências, seguidas de debates, tendo sido frequentado por cerca de 300 alunos, entre estudantes, operários e intelectuais. Em sua estada na Capital, o prof. Jacob Goreneder proferiu palestras no Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais e no auditório da sucursal de NOVOS RUMOS, realizando conferências também em cidades vizinhas, à convite das Câmaras Municipais locais.

Realizou-se na Capital, promovido pela Sociedade de Antropologia de Minas Gerais, uma série de conferências sobre o título "O Marxismo como Filosofia Humanista do Nosso Tempo", proferidas pelo prof. Jacob Goreneder, do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro. O curso consistiu de nove conferências, seguidas de debates, tendo sido frequentado por cerca de 300 alunos, entre estudantes, operários e intelectuais. Em sua estada na Capital, o prof. Jacob Goreneder proferiu palestras no Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais e no auditório da sucursal de NOVOS RUMOS, realizando conferências também em cidades vizinhas, à convite das Câmaras Municipais locais.

Realizou-se na Capital, promovido pela Sociedade de Antropologia de Minas Gerais, uma série de conferências sobre o título "O Marxismo como Filosofia Humanista do Nosso Tempo", proferidas pelo prof. Jacob Goreneder, do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro. O curso consistiu de nove conferências, seguidas de debates, tendo sido frequentado por cerca de 300 alunos, entre estudantes, operários e intelectuais. Em sua estada na Capital, o prof. Jacob Goreneder proferiu palestras no Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais e no auditório da sucursal de NOVOS RUMOS, realizando conferências também em cidades vizinhas, à convite das Câmaras Municipais locais.

Realizou-se na Capital, promovido pela Sociedade de Antropologia de Minas Gerais, uma série de conferências sobre o título "O Marxismo como Filosofia Humanista do Nosso Tempo", proferidas pelo prof. Jacob Goreneder, do Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro. O curso consistiu de nove conferências, seguidas de debates, tendo sido frequentado por cerca de 300 alunos, entre estudantes, operários e intelectuais. Em sua estada na Capital, o prof. Jacob Goreneder proferiu palestras no Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais e no auditório da sucursal de NOVOS RUMOS, realizando conferências também em cidades vizinhas, à convite

Semana contra a fome

Continuam, na Câmara Federal, as conversações e conversinhas em torno do projeto de emenda constitucional surgido dos arraiais do PSD. O sr. Tancredo Neves, coordenador das confabulações na qualidade de líder da maioria, diz que seu trabalho é mais difícil do que o de escrever os «Luziadas» num grão de arroz. E fala em construir pontes de ligação entre as diversas linhas que compõem o arquipélago das opiniões dos ilustres senhores deputados. Mesmo assim, mostra-se otimista... As coisas caminham de tal jeito que a emenda possedista já bateu um recorde: pode-se dizer que é a mais discutida, antes mesmo de ser apresentada. Parto laborioso, sem dúvida. Como também não pode haver dúvida quanto ao resultado do parto: se depender exclusivamente dos conchavos entre PSD e PTB, não nascerá nenhuma emenda capaz de abrir caminho para a reforma agrária.

Nada justifica, assim, que as forças populares se mantenham em atitude de expectativa, aguardando o nascituro, que, no caso, só poderá ser natimorto. Somente a ação das massas — e ação vigorosa — será capaz de influir num sentido positivo, desfazendo ao mesmo tempo as manobras conciliatórias do Governo e as resistências da maioria reacionária do Parlamento.

Nesse sentido, adquirem particular importância as manifestações programadas para a «Semana Nacional Pelas Reformas e Contra a Carestia», de 1 a 7 de agosto. O CQT e as confederações nacionais de trabalhadores estão mobilizando as organizações sindicais em todo o País. Mas, não se trata, de forma alguma, de manifestações isoladas da classe operária. E nem se explicaria que assim fosse. Ao contrário. Os próprios objetivos da Semana indicam que dela devem participar todas as forças populares, destacadamente os camponeses, os estudantes e as mulheres. É indispensável, pois, que, no

âmbito dos Estados é dos municípios, em coordenação com as iniciativas dos sindicatos, sejam realizadas manifestações que adquiram a maior amplitude possível, expressando o grau de indignação e a combatividade de nosso povo, sua decisão de impedir que a fome e a miséria continuem crescendo e de impor radicais modificações na estrutura da sociedade brasileira.

Carestia, espoliação imperialista e reforma agrária — estas os principais problemas que, no momento, são objeto da atenção dos patriotas e democratas. Com a eleição contínua dos preços, o que na realidade acontece é que o homem trabalhador sofre permanente assalto à sua bolsa. Ganha cada vez menos a cada dia que passa. Padece, por isso, privações cada vez maiores. A luta contra a carestia assume, portanto, o caráter de luta em defesa do elemento direito à vida. É uma luta contra a política econômico-financeira posta em prática pelo Governo, comprovadamente incapaz de deter a inflação, cujas consequências são jogadas sobre os ombros do povo. Por outro lado, nenhuma medida concreta é adotada para pôr cêrbo à espoliação de nosso trabalho e de nossas riquezas pelos monopólios norte-americanos. Ao contrário, o que se vê é o Governo reafirmar sua disposição de levar a termo a negociata da Bond and Share. No que diz respeito à reforma agrária, os entendimentos na Câmara dos Deputados giram em torno de um projeto de emenda constitucional que não passa de defesa mal camuflada do latifúndio.

Os comunistas compreendem a necessidade de concentrar seus esforços na preparação e na realização das manifestações programadas para o início do próximo mês, que terão seu ponto alto a 7 de agosto, «Dia Nacional de Protesto contra a Carestia e Pelas Reformas». Ao lado de todas as demais forças progressistas e patrióticas, hão de contribuir, com entusiasmo e espírito de iniciativa, para que essas manifestações alcancem o vigor e a amplitude que a situação exige.

IBAD e UDN: um só endereço

Revelações da maior importância para o esclarecimento político do povo brasileiro vêm surgindo, quase diariamente, do inquérito que se processa em torno das atividades antimilitaristas e corruptoras do IBAD-IPES. Muitas pessoas que tinham ainda ilusões quanto a uma série de figuras da política — essas que falam a vida inteira em «democracia representativa», «dignidade da função pública», etc — vêm, agora, que suas ilusões não tinham mesmo razão de ser. Afinal, em que «dignidade» podem falar Carlos Lacerda, Herbert Levi, João Mendes, Armando Falcão e seus companheiros se os fatos estão mostrando, de modo incontestável, que não passaram de marionetes de um Hassocheer que, por sua vez, é um simples distribuidor de dólares — o dólar sujo com que os trustes norte-americanos compram a consciência

desses apátridas e lhes fazem rapéir, como simples mercenários, suas aringas contra a luta patriótica de nosso povo? Está aí, para todos verem, o que é antimilitarismo: sinônimo de venalidade, de traição à Pátria. Queremos aqui chamar a atenção dos leitores particularmente para a revelação surgida com o conhecimento de uma das cartas de Hassocheer: o endereço, por ele fornecido, do IBAD no Rio é o mesmo endereço do chamado Movimento Renovador da UDN, criado e dirigido por Carlos Lacerda, IBAD e UDN lacerdistas aparecem, assim, como irmãos siameses: são idênticos o seu programa e os seus objetivos, são os mesmos os seus financiadores estrangeiros. Que os udenistas de boa-fé tirem as suas próprias conclusões.

Espoladores à mostra

Precedida de maquiagem publicitária, realiza-se nesta cidade uma Exposição norte-americana. Considerando-se o alto nível técnico atingido pelos Estados Unidos e, de outro lado, a marcante impressão causada pela recente Exposição Soviética, era de esperar-se que a mostra norte-americana constituiria um acontecimento de interesse para toda a população. Entretanto, não é isso o que se verifica. A Exposição não somente é uma decepção do ponto de vista técnico, mas, além disso, representa sobretudo uma promoção destinada, no fundo, a justificar a espoliação do povo brasileiro pelos grandes consórcios imperialistas dos Estados Unidos. Isso se revela a partir do próprio título oficial dado à iniciativa: «Aliados para o progresso». Aliados como se somos os espolados e eles os espoladores? E como «para o progresso», se os trustes lanques sem-

pre fizeram tudo — e continuam a fazer — no sentido de dificultar e impedir o nosso desenvolvimento, pois o que lhes interessa é que países como o Brasil se mantenham na condição de fornecedores de alimentos e matérias-primas, na dependência de seus capitais e suas manufaturas? Ademais, não por acaso, quase todos os produtos expostos na Quinta da Boa Vista são precisamente daqueles monopólios que atuam em nosso País. Que é isso, no fundo, se não uma tentativa — diríamos subliminar, se não fosse tão evidente — de «justificar» o saque a que nos submetem os imperialistas lanques? No primor de subtileza que foi o seu discurso inaugural, o apátrida Carlos Lacerda deixou bem claro tudo isso: a Exposição norte-americana não passa de uma manobra de envolvimento através da qual os nossos implacáveis espoladores pretendem justificar a espoliação.

Reforma depende do povo

Vivemos na Câmara dos Deputados, segundo tu o parece indicar, os lances finais da batalha em torno do projeto Milton Campos. Embora seja possível ainda a interferência de certos fatores que conduzam ao adiamento da votação, no momento em que encaminho para o Rio esta crônica pelo telefone (quarta-feira, 11 horas da manhã), deixa a impressão de que com o apoio de cerca de 20 deputados do PSD, o PTB, em aliança com os setores progressistas dos pequenos partidos, terá chance de rejeitar o projeto. Mas, a UDN conseguiu ontem a obruta, alcançando o mesmo que fazíamos durante três semanas, podendo assim atuar a votação. Bastaria a retirada maciça dos udenistas e seus aliados do plenário, para não se atingir o quorum necessário de 200 votos.

Qualquer que seja o resultado, hoje o centro da discussão deslocou-se para a questão da emenda à Constituição. Com a apresentação da proposta do PSD de um anteprojeto de emenda constitucional, os entendimentos nos bastidores são muito objetivos. Mas, não se tem ainda qualquer ideia sobre o comportamento das duas grandes agremiações — o PSD e o PTB. Dentro da bancada petebista já se evidenciou a resistência dos setores progressistas do anteprojeto do PSD, havendo sido formulada uma contraproposta. Nesta altura, não obstante a pressão em favor de um acordo que será desenvolvida pelo presidente Goulart, vê-se que uma conciliação é muito difícil. O ex-ant: das várias alternativas que existem para o Congresso neste caso a reforma constitucional, é complexo. Uma alternativa seria a do PSD e o PTB chegarem a um entendimento, fazendo aprovar por maioria simples uma emenda da flor de laranjão contendo a oposição da UDN e também dos grupos progressistas. Outra alternativa estaria na concordância do PSD com uma emenda «razoável» do PTB, que provocaria tão somente um combate da UDN e de seus aliados ultra-reacionários do tipo de Armando Falcão. Finalmente, outra alternativa seria a de não se encontrar uma solução até o fim do ano, ficando criado o impasse.

O que é necessário compreender é que, em última análise, serão os grandes processos políticos extra-parlamentares que conduzirão à solução do problema. Sendo assim, a apreensão de certos fenômenos políticos é que se torna essencial. Por exemplo, ao iniciar-se a nova legislatura, na última semana, o ambiente no PSD em favor da emenda à Constituição era relativamente favorável. Esse clima alterou-se ante a tremenda mobilização reacionária promovida especialmente em São Paulo, Paraná e Minas Gerais, e que culminou por ocasião da convenção nacional da UDN em Curitiba. Não resta dúvida de que a campanha dirigida pelas associações rurais influenciou até os pequenos proprietários, diante dos quais ficou a impressão de que as forças progressistas desejam e reivindicam a «comunização» da terra. Contando com fartos recursos financeiros, com apoio quase total da imprensa, do rádio e da televisão, esse clima de grandes setores da Igreja Católica conseguiu as forças reacionárias atomizar facilmente os pequenos e médios proprietários. É evidente, entretanto, que isto foi alcançado em virtude dessas camadas do campo estavam tradicionalmente submissas à influência ideológica e política dos latifundiários. Sentimos aqui no Congresso como a campanha reacionária atomizou vários círculos políticos como aqueles ligados a Magalhães Pinto, Mauro Borges e Nel Braga, que no início não revelavam tão grande vacilação. Compreendendo a necessidade de desmascarar esta mistificação, a Frente Parlamentar Nacionalista se preocupará agora em atingir a grande massa de lavradores e trabalhadores agrícolas, desde os médios proprietários até os minifundiários, para explicar-lhes as nossas posições. É evidente que tal esforço não pode ficar circunscrito aos parlamentares nacionalistas, devendo ser isto uma preocupação do conjunto das forças nacionalistas.

Estando assim colocada a imensa tarefa de esclarecer os milhões de brasileiros, dentro dos grupos nacionalistas da Câmara tem sido formulada a seguinte indagação: Por que o governo do sr. João Goulart não demonstra agora — na batalha da reforma

constitucional — a mesma vontade de luta que revelou por ocasião do combate parlamentar pela antecipação do plebiscito? Embora nesta questão as manifestações verbais do presidente da República sejam boas, e, se impulsiona até alguns ministérios no sentido de atender a certas pretensões das correntes parlamentares que se manifestam em favor da tese reformista, na verdade a Câmara dos Deputados não está convencida de que o Governo esteja trabalhando realmente em favor da reforma agrária. De forma alguma se aceita que todos os recursos governamentais estejam a serviço dessa causa. O deputado Vieira de Melo, ex-líder da maioria na época de Kubitschek, que agora chefia o grupo progressista do PSD, tem remarkado a incrível diferença no comportamento do antigo e do atual presidente. Diz o deputado balano de que JK quando deixava a transferência de capitais em suas mãos a implantação da indústria automobilística, obrigava a Câmara e o Senado a reagirem diante de fatos consumados e usava tudo para atingir seus propósitos. Com relação a Jango, nesse episódio ninguém acredita que ele deseja realmente a reforma agrária, dando tão somente a impressão de que agita essa tese como «bandeira de propaganda», como se fosse homem de oposição. É certo que a comparação não pode ser muito correta, desde que não se pode comparar as dificuldades a serem vencidas pelo que almejam mudar a estrutura social e econômica com aquelas dificuldades surgidas diante da implantação de uma nova indústria, ou quando da transferência de capital. Mas, de qualquer maneira, a posição do presidente da República é dúbia e inconsequente. Basta atentarmos para a situação atual da SUPRA, que não é lançada como um fator concreto de impulsionamento real da reforma agrária.

Por tudo isso, a sorte da reforma constitucional que abra caminho para a reforma agrária, como pudemos mostrar nesses dois exemplos, depende do choque político geral, e em particular do comportamento e da ação das grandes correntes produtivas fora do Parlamento.

A Aerobrás é a solução natural

Foi apresentado ao Congresso, na última semana, projeto de lei do deputado Marco Antônio Coelho criando a Aerobrás. Trata, em síntese, a proposição, da constituição de uma empresa mista, tendo a União Federal como acionista majoritária, destinada a explorar o transporte aéreo e atividades correlatas de aviação, pesquisa, fabricação de aviões e serviços aéreos diversos. O projeto ora apresentado à Câmara é uma necessidade que de há muito se fazia sentir e se somente agora aparece deve-se às pressões em contrário exercidas por um pequeno mas influente grupo de empresários que conseguiu acumular fabulosas fortunas mediante procedimentos os mais condenáveis. Se, do ponto de vista ético, a justificativa do projeto é evidente, pois nada existe de mais imoral do que a doação de bilhões de cruzeiros a alguns capitalistas, sob o ângulo econômico e político a Aerobrás é uma necessidade inadiável. Ultimamente, os aeronáuticos e aeroviários brasileiros, com grande espírito de patriotismo e objetividade, têm realizado uma série de estudos pelos quais se constata o caráter insustentável da aviação comercial brasileira nas bases em que existe. Sob seu estímulo, outros especialistas também se vêm dedicando ao estudo do problema. Um destes é o professor Arn Procópio de Carvalho, do Instituto Técnico de Aeronáutica, de São José dos Campos, cujo livro a respeito — «Geopolítica do Transporte Aéreo» — constitui um repertório de abundantes dados e informações sobre o estado da aviação civil em nosso país. Apenas para abordar a questão, assinalaríamos como pontos de partida capazes de justificar por inteiro o projeto da Aerobrás os problemas do mercado e dos custos. Estudos feitos no exterior mostram que de todas as linhas existentes no Brasil, a única que poderia suportar a concorrência de

diversas empresas seria a Rio-Mão Paulo, pela frequência do tráfego. Pois bem. Essa das que não estão em regime de concorrência, pois seus preços são fixados por um acórdão monopolístico, um post, a chamada «ponte aérea». Em todas as demais linhas, em face de uma série de fatores, a começar pelo baixo poder aquisitivo de nossas populações, a concorrência é impossível. Pois aí ela existe... Como pode existir? Graças à munificência do Tesouro Nacional, que supre os déficits das companhias com pesadas subvenções, (este ano subirá a 20 bilhões de cruzeiros), possibilitando distorções terríveis, cujo retrato mais fiel é o desperdício de cerca de metade da capacidade oferecida pelas diversas companhias, tanto para o transporte de passageiros, como para o de cargas. Só a presença do Tesouro pode explicar que continuem existindo e voando, como «maravilhas da iniciativa privada», as nossas companhias de aviação. Mas, se a presença do Tesouro é condição necessária, não é condição suficiente. Pois, mesmo com as gigantescas subvenções oficiais, os preços das tarifas incumbe-se, eles próprios, de ir marginalizando a capacidade competitiva das empresas aéreas em contato com outros meios de transporte. Mesmo com as subvenções do Tesouro, a relação entre tarifas aéreas e as dos transportes de superfície, no Brasil, é de 5, na sexta e de 7 e mais para 1. Na França, o transporte aéreo é apenas uma vez e meia mais caro. Em nos Estados Unidos os aviões conseguem tomar os trens até passageiros de 2a. classe... O projeto criando a Aerobrás virá apenas normalizar uma situação de fato. Pois se a Rede Ferroviária, onde o Governo gasta relativamente muito menos já é do Estado, por que não deverá sê-lo o transporte aéreo, muito mais dispendioso aos cofres públicos?

Sobre o Nordeste

A história do Nordeste, através dos tempos, tem sido conhecida pela calamidade das secas, com as lavas de flagelados peregrinando as estradas à procura de trabalho e alimento. Mas já está provado que o problema da seca não é insolúvel: basta que sejam adotadas providências de represseamento das águas pluviais. No Nordeste, porém, até agora, não foi feita nada disso. O pouco que se tem feito em matéria de construção de açudes e irrigação de núcleos de colônias tem sido apenas para beneficiar senhores de terra e políticos inescrupulosos das classes dominantes. Dentro da conjuntura atual de uma sociedade dominada por forças retrógradas, apontadas na espoliação estrangeira, nada se faz que resulte em benefício do povo. Paulo Afonso, por exemplo, com sua força e luz, não irrita qualquer lampejo de melhores dias para o trabalhador alagado, para o homem pobre do Nordeste. Na verdade, o chamado desenvolvimento, por onde quer que tenha passado, só vem passando, adiante, ensinando a que os ricos fiquem mais ricos e a que os estrangeiros, os chamados técnicos de quantos pontos, missões e companhias americanas existem, explorem e levem de graça as nossas riquezas e o fruto do nosso trabalho, dando em troca, em nome da já famigerada «Aliança para o Progresso», algumas latas de leite e outras migalhas equivalentes. Se nos demais Estados o demandado leva uma vida de miséria e nada usufrui do desenvolvimento econômico, político e social do país, no Nordeste a situação é ainda pior, principalmente nas zonas de caatinga, onde não há escolas e nem benefício algum que seja oferecido a seu alcance. Em geral, as condições em que vivem os trabalhadores dos campos dos Estados do Nordeste são as mesmas: extrema pobreza material e social e cultural. É que o progresso econômico que compete e que compete ser realizado pelos governos, através de planejamentos econômicos de vulto, não chegam nunca a realizar-se. A vida das populações nordestinas, das cidades e do interior, não mudará enquanto não houver governos voltados para a tarefa de libertar o Nordeste da miséria e colocá-lo em marcha para o progresso, com a realização de obras de vulto em benefício de todos e não de obras esporádicas em benefício de alguns poucos, dos privilegiados. As obras de vulto são: a criação da indústria, a reforma agrária, e a assistência social no terreno da saúde, a revolução cultural-educacional. Somente governos

Clóvis de Oliveira Neto



ADÃO PEREIRA NUNES DENUNCIA SABOTAGEM CONTRA A ALCALIS

«Primeiro tentaram destruir a Siderurgia de Volta Redonda, depois, a Petróbrás. Agora, os inimigos da emancipação econômica de nossa pátria querem destruir a Fábrica Nacional de Alcalis», disse o deputado Adão Pereira Nunes, na denúncia que fez à Câmara no dia 17 deste mês. O deputado fluminense começou por lembrar a luta que há dez anos os patriotas vêm desenvolvendo para que o Brasil seja livre da importação de barrilha. Para mostrar a importância deste material, disse que ele está para a indústria química como o aço de Volta Redonda está para a metalurgia. «A tinta, o remédio, o explosivo e o vidro dependem em determinada percentagem da barrilha. O vidro é essencialmente feito com ela; contém cerca de 50% de barrilha». Em seguida, o deputado passou a descrever como se formou um verdadeiro complot para acabar com a Fábrica Nacional de Alcalis: «A indústria brasileira necessita de 120 mil toneladas de barrilha por ano. Nossos engenheiros e operários já fabricam 90 mil da melhor qualidade». Foi aproveitandose dessa pequena deficiência da fábrica em relação à demanda da indústria que se aproveitaram os grupos monopolistas, para a persistência com que procuram levar à bancarrota a grande fábrica brasileira de barrilha, exigindo a severa punição de todos em nome do povo, assim como uma satisfação aos operários e oficiais do Exército, que se empenham tão denodadamente no desenvolvimento da Fábrica Nacional de Alcalis, o dep. Pereira Nunes finalizou suas palavras, não sem antes lembrar que há no Congresso Nacional um projeto de aumento de capital e monopólio de importação de barrilha para a Fábrica Nacional de Alcalis, e que este é o momento de acelerar a aprovação desse projeto.

Toda e qualquer licença teria que trazer o visto do ministro da Guerra. E os vistos passaram a ser tão fáceis, que a barrilha deixou de ser de interesse de defesa nacional para se tornar interesse de outros interesses... Neste ano foram concedidas licenças a particulares, sem tradição no comércio da barrilha, em cerca de cinco mil toneladas, enriquecendo parentes e inimigos do Brasil». E ainda mais: «A CACEX, no ano passado, por sua própria conta, liberou mais 84 mil toneladas de barrilha, que renderam um bilhão e meio de cruzeiros aos especuladores. E por isto que os fabricantes de vidro não querem a nossa barrilha... Acusando os industriais de vidro, muitos deles ligados a grupos monopolistas, pela persistência com que procuram levar à bancarrota a grande fábrica brasileira de barrilha, exigindo a severa punição de todos em nome do povo, assim como uma satisfação aos operários e oficiais do Exército, que se empenham tão denodadamente no desenvolvimento da Fábrica Nacional de Alcalis, o dep. Pereira Nunes finalizou suas palavras, não sem antes lembrar que há no Congresso Nacional um projeto de aumento de capital e monopólio de importação de barrilha para a Fábrica Nacional de Alcalis, e que este é o momento de acelerar a aprovação desse projeto.

FORA DE RUMO

O Serviço de Inteligência do Exército enviou aos comandantes de grandes unidades duas circulares informando que Lacerda iniciava uma ação subversiva, através da preparação de um clima de violência. A informação, embora secreta, foi objeto de notícia de jornal. O jornalista que divulgou o conteúdo das circulares acrescentou que «tinha acesso a qualquer documento assinado pelo ministro da Guerra». Esse pequeno episódio de espionagem e contra-espionagem foi enriquecido com a informação de que o general Nelson de Melo é o responsável pela publicação dos documentos do Ministério da Guerra. Já estava o Serviço de Inteligência do Exército de olho em Lacerda quando nossa amizade, mediante em auto blindado e seguido de dezenas de viaturas da SURBAM, partiu rumo ao Rio Grande do Sul, para fazer as provocações de que tratavam as circulares do general Jair Dantas. No comboio de Lacerda, alguns carros, de falaxa amarela, anunciavam emprégo exclusivo em serviço público, seguram policiais mata-mendigos, mordedores de bichinhos, agentes do lenocínio, criminosos, provados e aspirantes ao crime recentemente

te trincados na carrelira. Uma equipe tipicamente ocidental, chefiada pelo reformador de costas cuja vocação revelou-se em plena infância, durante sua passagem pelo Colégio Abílio. Lacerda, penetrando no Rio Grande com sua coluna de crápulas e motorizados, transformou Porto Alegre em pandemônio. Recebendo imediato apoio do governo estadual, viu sua caravana de mata-mendigos, mordedores de bichinhos e multiformes agentes de bas fond reforçada pelas balonetas da Brigada Militar. Assim salvou o pélo. Seu maior susto foi quando lhe acertaram a capota do carro com um corvo morto, amarrado a um tijolo. Saíndo em campo à procura de um clima subversivo, Lacerda foi repellido pelos rio-grandenses. Responderam-lhe os operários, os estudantes e a multidão das ruas com greves e manifestações antipolísticas. Porto Alegre constituiu o grande centro de resistência democrática de 1961. Lacerda foi até lá. Riscou um fóforo para ver se ainda tinha gozadeira no fundo daquele tonel. Hoje, o cabeçudo general Nelson há de compreender que tinha.

O "Seminário da Subversão"

Na cidade de Salvador (Bahia) — a capital do subdesenvolvimento, na expressão do prefeito Virgíldio Sena em seu discurso na instalação do congresso — de 7 a 14 de julho, delegados das Unões Nacionais de Estudantes de outras organizações estudantis da África, da América Latina e de algumas nações europeias reuniram-se no Seminário Estudantil do Mundo Subdesenvolvido. O conclave, convocado pela UNE, objetivou uma tomada de posição dos universitários de todos os países subdesenvolvidos, visando o fortalecimento da luta e dos ideais de libertação nacional, desenvolvimento econômico e paz mundial. O SEMS surgiu com pleno direito a meio a que se propõe e constitui-se mesmo na mais expressiva reunião do

gênero até agora realizada. Durante uma semana as suntuosas instalações da Faculdade de Direito da Universidade da Bahia foram palco de profundas discussões dos problemas dos povos periféricos e da rota de sua emancipação. Foram ouvidas e pensadas as opiniões e experiências das jovens nações politicamente recém-berçadas, dos povos que ainda sentem em toda sua extensão o peso do jugo colonial, das nações que sofrem o tacho de ditaduras fascistas, de povos que ora reclamam a construção de um futuro de felicidade sob a égide do socialismo e de países que se vêm empenhando na ajuda aos que lutam por sua redenção, participando do conclave estes últimos como observadores ou convidados especiais, a quem,

entretanto, de acordo com o regulamento interno da reunião, foi dado o amplo direito de voz e argumentação, não lhes sendo permitido, todavia, participar das decisões, posto que não tiveram a prerrogativa de voto. Com delegados nas sessões plenárias e nas reuniões de comissões estiveram presentes ao SEMS as Unões Nacionais de Estudantes do Brasil, Camerun, Chile, China, Congo, Colômbia, Costa Rica, Cuba, El Salvador, Gâmbia, Guiana Francesa, Guatemala, Honduras, Índia, Iraque, Moçambique, Nigéria, Nicarágua, Paraguai, Portugal, Peru, Panamá, República Dominicana, Senegal, Serra Leoa, Venezuela, Jugoslávia, Uruguai, Angola. Como observadores e convidados especiais compareceram representantes das

Unões Nacionais de Estudantes da URSS, da Tchecoslováquia, da RDA, e da União Internacional dos Estudantes, da Secretaria Coordenadora de Unões Nacionais de Estudantes e União Geral dos Estudantes da África Negra. As reuniões plenárias e de comissões foram públicas e presenciadas, sempre, por numerosa assistência e além dos debates sobre o tema do seminário — Os Estudantes e a Luta de Libertação Nacional, Reforma Universitária e Desenvolvimento, O Mundo Subdesenvolvido e a Paz Mundial — os delegados apresentaram informes gerais sobre a situação de cada país representado. A manutenção da paz, questão crucial de nossa época, se fez a mais discutida: motivos e debates mais profundos e de maior importância. A PRIMEIRA VITÓRIA

Este estado de coisas durou até as vésperas da Segunda Guerra Mundial. Não foi senão nesta data que os nossos líderes tomaram consciência de que um dos primeiros passos a ser dado para a emancipação da África era a educação das massas, a fim de que por elas próprias fossem feitas as reivindicações políticas e sociais a que tinham direito. Ao mesmo tempo, porém, algumas perguntas lhes vinham à cabeça: 1) Por que morrem as nossas famílias de fome, se a África é essencialmente agrícola? 2) Por que em todas as regiões da África milhões e milhões morrem como cães, sem a menor assistência? 3) Por que coíres vão de ouro, o diamante, em uma palavra, as divisas africanas? Por que o ouro, o diamante africano é de todo mundo, menos dos africanos? 4) Por que as potências coloniais esperam tanto tempo para criar as escolas africanas e, quando estas foram criadas, destinaram-se a uma minoria que se servia e se tornaram muralhas de proteção do próprio colonialismo? Colegas delegados, a resposta a tudo isto é bastante clara: A França, a Inglaterra e a Bélgica, jamais imaginaram que um dia o pobre negro sentiria a necessidade de viver livre da miséria! Da intervenção do delegado da República Dominicana: "Na República Dominicana, como em todos os países da América Latina, existe uma grande quantidade de latifúndios. As principais extensões de terra estão nas mãos de centrais açucareiras de propriedade de empresas norte-americanas e de algumas oligarquias nacionais. Os pequenos proprietários de terra vivem à margem da economia monetária, já que todas as suas operações de troca são simples permutas de mercadorias produzidas por eles mesmos. Há ademais um avassalador subemprego no campo. Subemprego no meu país os condições latifúndios avançados, os quais possuem força suficiente para dirigir o movimento econômico e político de algumas regiões e inclusive eleger os representantes das câmaras legislativas, como ocorre nas zonas de plantações da United Fruit. A produção mineira do país é vilmente saqueada pelos exploradores estrangeiros que gozam de uma legislação especial que viola a nossa soberania e a autodeterminação do nosso povo. O operário dominicano é péssimamente pago e tratado injustamente pelos códigos trabalhistas, que lhe proíbem uma arma de luta como a greve. Os grandes investidores imperialistas proíbem na prática outra colheita que não a da cana-de-açúcar, semeada em todas as regiões do país. Sessenta e oito por cento da população não sabe ler nem escrever". Alguns dados extraídos da intervenção do delegado da Venezuela: "Na Venezuela se concentra atualmente a maior soma das inversões estrangeiras na América Latina. A Venezuela é, por outro lado, o país que mais sofre a intervenção do capital monopolista norte-americano. As inversões norte-americanas em nosso país representam aproximadamente 60 por cento do total das inversões dos Estados Unidos na América Latina. Em 1957, estas inversões norte-americanas ultrapassavam os 4 milhões de dólares, que equivaliam a dois terços de todas as inversões estrangeiras. Para o mesmo ano as inversões anglo-holandesas alcançavam 1 milhão e oitocentos mil dólares, ou seja, trinta por cento do total. Tal situação se sintetiza no fato de que os grupos norte-ame-

ricanos e anglo-holandeses detinham, em 1957, 97 por cento do total das inversões estrangeiras na Venezuela. Em 1960 estimava-se que as inversões estrangeiras ultrapassavam os 6 milhões de dólares. O caráter colonizador destas inversões fica demonstrado se se leva em consideração que 88,24 por cento de seu total está nos setores de petróleo e ferro, convertendo o país em um simples fornecedor de matérias-primas para serem elaboradas na metrópole imperialista. As inversões estrangeiras possuem mais de 40 por cento do total do capital existente na Venezuela. O montante crescente dos lucros obtidos pelas empresas imperialistas supera o volume das inversões acumuladas durante quatro décadas, provocando uma crescente descapitalização que freia as possibilidades de acumulação interna. O petróleo se constituiu e se constitui ainda no eixo de penetração imperialista na Venezuela. Os monopólios petrolíferos dispõem de 6 milhões e meio de hectares de terra, por concessões ou arrendamentos. O grupo norte-americano da Standard Oil possui 71,4 por cento desse total, enquanto o grupo britânico quase 20 por cento. A Standard é a empresa determinante na colonização e no saque à Venezuela. É a empresa que obtém os mais elevados lucros, em termos absolutos e relativos. Em um ano de Standard que aparece sob o nome de Creole) obteve em lucros líquidos todo o seu capital declarado. Ao lado da penetração e da dominação imperialista outro sério obstáculo se interpõe no caminho do desenvolvimento econômico venezuelano: o latifúndio, com as consequências sobrevivências das relações semifeudais de produção no campo. A propriedade monopolista da terra se expressa no fato de que 71 por cento dos lavradores trabalham somente 2,3 por cento da terra, enquanto 1,5 por cento dos proprietários ocupam 78,7 por cento da terra explorada. Entre os latifúndios estão incluídas as companhias de petróleo que mantêm extensas grandes extensões de terras férteis". A relação poderia continuar com passagens dos informes de diversos outros países, já que quase todos se representam no SEMS por delegados que se definiram de maneira clara e delegados de uma república africana trouxeram as características de sua terra. Assim: "Analfabetismo, mais alto índice de mortalidade infantil, mais subnutrição, mais explosão demográfica; igual a Congo". PAZ, COEXISTÊNCIA E DESARMAMENTO

O Seminário Estudantil do Mundo Subdesenvolvido foi uma reunião de muita produtividade. Os três pontos do tema foram discutidos extensivamente (houve sessões que alcançaram o ralar do dia). Todas as delegações apresentando contribuições valorosas (a UNE apresentou sete sobre todos os itens em discussão). O problema da paz galvaneando as atenções gerais, suscitando os debates mais acalorados. Por isso mesmo a resolução sobre esse ponto foi a de mais difícil elaboração. Ao final os delegados, unanimemente, concluíram por assinar a seguinte declaração: "Hoje em dia quando os principais inimigos da paz — o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo e os aventureiros militaristas e fascistas — tratam de manter escravizados os povos com uma campanha mundial de intimidação, ameaçando levar o mundo à guerra termonuclear que põe em perigo a existência mesma do planeta, os estudantes participantes do Seminário Estudantil do Mundo Subdesenvolvido, reunidos em Salvador, declaram: 1 — Que a Paz mundial é uma necessidade histórica e uma aspiração inadiável da humanidade. A Paz mundial é o desejo urgente dos povos de todos os países. 2 — Que a luta pela Paz pode realizar-se por diferentes vias revolucionárias, aplicando cada povo aquelas que mais se adequam às suas condições. 3 — Que a luta pela paz deve ser realizada por diferentes vias revolucionárias, aplicando cada povo aquelas que mais se adequam às suas condições. 4 — Que a luta pela paz deve ser realizada por diferentes vias revolucionárias, aplicando cada povo aquelas que mais se adequam às suas condições. 5 — Que a luta pela Paz mundial não compromete a luta pela libertação nacional, assim como a luta pela libertação nacional não compromete a luta pela Paz, sendo que ambas se complementam e se ajudam".

que possibilite a compreensão e a participação ativa no processo de libertação do povo e a transmissão da formação técnica necessária às transformações de estrutura; 3) — Que é um dever incluir as organizações estudantis lutar incessantemente pelo co-governo na direção das Universidades". DIVULGAÇÃO Todas as resoluções do Seminário Estudantil do Mundo Subdesenvolvido bem assim como todas as teses e moções apresentadas à reunião, e ainda os debates travados durante sua realização, serão enfileirados num volume a ser próximamente editado pela União Nacional dos Estudantes. A providência é uma determinação do Seminário, por proposta da delegação cubana. FINAL APOTÉTICO

nr Internacional

26 de julho, data dos povos

Precisamente há dez anos, exprimindo a inquietação e a revolta do povo cubano contra a tirania pró-americana de Batista, duas centenas de jovens, entre os quais duas mulheres, lançavam-se de peito aberto, na província de Oriente, em Cuba, ao assalto ao quartel Moncada. A sua frente estava o jovem advogado Fidel Castro, recém-saído da Universidade.

Iniciava-se naquele dia a insurreição que, seis anos mais tarde, iria triunfar em Cuba, com a derrota e a fuga do tirano Batista. Não era um *putsch*, mas a primeira tentativa de criar no país uma base revolucionária, com a perspectiva de, a partir dela, espalhar-se pela ilha um movimento revolucionário armado. Os heróis de Moncada foram camagados por Batista — mas logo iriam resurgir, com uma força redobrada e resoluta apoio das massas populares, martirizadas pela espolição imperialista e as torturas de uma sangrenta ditadura.

Hoje, o povo de Cuba — e com ele os povos da América Latina e de todo o mundo — festejam, com o décimo aniversário do assalto à Moncada, quatro anos e meio de triunfo da revolução que libertou a heróica ilha da dominação estrangeira e do atraso do latifúndio para dar início, pela primeira vez no Continente, à edificação de um país socialista. Ao lado de Cuba estão todas as forças amantes da liberdade e do progresso no mundo inteiro.

Nesses quatro anos e meio de revolução vitoriosa, tem o povo cubano passado pelas mais duras provas. Sob o ódio, as ameaças e as agressões constantes do imperialismo norte-americano — informado com a emancipação de Cuba e o exemplo que ela representa para os povos latino-americanos —, o povo cubano, tendo a sua frente o grande líder e comandante Fidel Castro, não só repulsa as tentativas de restau-

ração de domínio estrangeiro, mas, unido firmemente sob a bandeira do marxismo-leninismo, empreendeu o caminho da construção de uma sociedade nova, livre e próspera — uma sociedade socialista.

Cuba é, em nosso próprio Continente, um exemplo de como pode um povo fazer desde que se liberte do jugo imperialista, da opressão das forças sociais retrógradas, do entreguismo e da corrupção. Em Cuba, já não é uma embaixada estrangeira que dirige os destinos do País. Em Cuba, os operários e camponeses já não são esquecidos para o proveito de uma minoria parassitária. Em Cuba, já os negros não são discriminados e perseguidos, mas para eles, do mesmo modo que para todos os demais filhos da terra, se abriram todas as possibilidades a uma vida digna e culta. Em Cuba, já não há o desemprego, e os analfabetos passaram a ser contados como exceção. Em Cuba tornaram-se patrimônio de todo o povo não só a dignidade nacional, antes espezinhada, mas todos os demais valores humanos, antes corrompidos e pilatoados.

As grandes datas do povo cubano, os marcos históricos de sua triunfal luta revolucionária, são ilimitadamente caras a todos os homens e mulheres que, no mundo inteiro, amam a liberdade, o progresso e a paz. São caras sobretudo aos povos latino-americanos, espoliados e oprimidos pelos mesmos imperialistas que espoliavam e oprimiam Cuba.

Por tudo isso, neste 26 de julho, juntamente com a nossa solidariedade e o nosso combativo apoio ao povo cubano, redobramos a nossa luta pela libertação nacional, contra o imperialismo e seus agentes, contra o latifúndio e pelas reformas de base, pelas libertações democráticas e em defesa da paz mundial.

Boicote

Está para ser votada na ONU a proposta de boicote total a Portugal, apresentada pelos Estados africanos, que, no encontro de Adis Abeba, decidiram ajudar, de todas as formas possíveis, a libertação dos povos que vivem sob controle português na África.

Os países socialistas já manifestaram seu inteiro apoio à moção, que abre o caminho para que todos os povos expressem sua condenação ao regime opressivo que a ditadura salazarista impõe aos habitantes de Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa. Por sua vez, as potências coloniais,

como não podia deixar de ser, com os Estados Unidos à frente, prepararam para levar ao fracasso aquela proposta, votando contrariamente a ela ou abstendo-se. O governo brasileiro, que tanto alarde faz da sua política externa independente não pode, nesta oportunidade, ficar a rebouco da política norte-americana. O povo brasileiro vê, na luta dos povos esmagados por Salazar, a sua própria luta, e exige do nosso representante na ONU pleno apoio à proposta dos Estados africanos. Que não se venha mais uma vez cobrir tudo com o manto da amizade luso-brasileira.

Da sabotagem encarregou-se a IBM, empresa estrangeira com quem fora acertada previamente a instalação de aparelhos (fones) para as traduções nos idiomas oficiais do seminário. Ressaltase que a IBM, como boa empresa imperialista, detém o monopólio de tal serviço no Brasil. Dois dias antes da abertura do congresso os diretores da firma, alegando inconsistências sutis de ordem jurídica, comunicaram aos diretores da UNE que não firmariam contrato com a entidade dos universitários. Foi necessária a interferência de deputados da Frente Parlamentar Nacionalista — que ameaçaram denunciar a companhia da tribuna da Câmara — para que a IBM se decidisse a manter o que fora acertado anteriormente com os promotores do conclave. A última hora a companhia fez embarcar para Salvador a sua aparelhagem, negando-se no entanto a enviar os técnicos para a montagem. Os estudantes tiveram de recorrer a técnicos da Petrobrás na Bahia — e estes constatarem e deslizeram a troca crimonosa de fios e peças da aparelhagem, com o que a IBM tentava criar dificuldades e empecilhos à realização do seminário.

Para o dia seguinte ao da instalação do SEMS os "ultimas" balanços haviam anunciado uma "grande concentração popular contra o comunismo" na praça da Sé. Era uma manifestação "para lavar a honra da família brasileira, vilipendiada pelo congresso do comunismo internacional". A hora aprazada não mais de uma centena de pessoas (a maioria constituída de gozadores, como ficou provado ao final da pantomima) postava-se junto ao palanque.

O MUNDO SUBDESENVOLVIDO Os informes trazidos pela totalidade das delegações e apresentados em plenário sobre a situação em cada país, mostraram o subdesenvol-

Seja nosso leitor um engenheiro, operário ou camponês; professor, estudante, pintor, escritor ou artista; dedique-se aos esportes ou ao trabalho social; seja médico, comerciante, industrial ou dona de casa; advogado ou cientista — sempre encontrará nas páginas das revistas soviéticas o que mais lhe interessa. Lendo estas revistas, ser-lhe-á fácil acompanhar o fabuloso desenvolvimento científico e técnico da URSS; sua vida política, econômica, social e cultural; assim como os mais importantes acontecimentos mundiais. Estas revistas são maravilhosamente ilustradas, impressas em papel de primeira qualidade, competindo assim com as melhores do mundo. Seus preços são acessíveis:

UNION SOVIETICA — Mensal - Ilustrada	800,00
UNION SOVIETICA — (Inclusive o suplemento EL DEPORTE EN LA URSS)	1.000,00
TEMPOES NUEVOS — Semanário	600,00
LITERATURA SOVIETICA — Mensal - Ilustrada	600,00
LA MUJER SOVIETICA — Mensal - Ilustrada	460,00
CULTURA Y VIDA — Mensal - Ilustrada	460,00
NOVEDADES DE MOSCU — Semanário	560,00
FILMS SOVIETICOS — Mensal - Ilustrada	600,00

Elas aparecem em espanhol, inglês, francês e outras línguas. São enviadas ao assinante por via aérea. Assim-las é facilísimos escolher as revistas que deseja assinar, faça seu pedido, juntando cheque bancário, pagável em São Paulo, em nome de:

J. C. AMARAL GUIMARÃES — AGENCIA INTERCAMBIO CULTURAL
Rua 15 de Novembro, 228 - 2º and. - sala 209
SÃO PAULO

novos rumos

Propriedade da EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.
Diretor
Orlando Bomfim Júnior
Diretor Executivo
Fragmom Carlos Borges
Redator Chefe
Luís Gazzano
Gerente
Gutemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 267,
17º andar, sala 1712
— Telefone 42-7344
Correspondência: Av. Rio Branco,
267, 9º andar, sala 906
Endereço telegráfico:
NOVOSRUMOS

EDIÇÃO DE MINAS GERAIS
Redação e Administração:
Rua dos Carijós 121,
2º andar, 5/304
Tel. 4-5666 — Belo Horizonte

Sucursal de São Paulo
Rua 15 de Novembro 228,
2º andar, sala 209
— Telefone 33-0458

Sucursal do Paraná
Rua José Loureiro, 183 —
3º andar, sala 311 — Curitiba

Assinaturas
Anual Cr\$ 1.000,00
Semestral Cr\$ 600,00
Trimestral Cr\$ 300,00

Assinatura Aérea
Anual Cr\$ 2.300,00
Semestral Cr\$ 1.200,00
Trimestral Cr\$ 600,00
Número avulso Cr\$ 30,00
Número atrasado Cr\$ 30,00

Nazim Hikmet Marcos Ana, Mensageiro da Anistia

TOPICOS TÍPICOS — Pedro Severino

As 11 anos de idade, morreu o grande poeta turco Nazim Hikmet. Foi uma existência toda ela dedicada à revolução; a fidelidade que sempre manteve às aspirações do seu povo, lhe valeram diversas condenações que, somadas, totalizam 36 anos de prisão, dos quais viveu o cumprio 14.

Desde cedo, Nazim Hikmet se consagrou à poesia e ao ideal comunista, que para ele eram uma só coisa. Com a idade de dezesseis anos, escreve contra os invasores da Turquia e é perseguido pelos ingleses. A partir dessa época, sua vida se passa entre a liberdade e a prisão. Em 1938, é condenado pelo tribunal militar a 28 anos de prisão, acusado de propaganda comunista no exército. Do seu processo, as portas fechadas, ainda nada se sabe com precisão. Sabemos apenas que ele confirmou ser comunista, e que negou tê-lo sido antes de seus atos.

Na prisão de Broussa, continua a construir a sua obra poética, estreitamente ligada à língua turca, cujas possibilidades íntimas soube explorar, indo às fontes populares. É uma poesia carregada de alusões à história e à cultura popular turca; e, graças a ela, toda uma geração de poetas turcos aprendeu como a poesia, valendo-se das expressões, imagens, dicções e lendas populares, podia servir à causa do povo. Se, após o advento da república na Turquia, em 1923, a língua turca tal como é falada fez sua aparição na poesia, coube a Nazim Hikmet dar a essa corrente toda sua amplitude, eliminando, definitivamente da poesia as expressões falantes e abstratas que a haviam reservado ao domínio limitado dos intelectuais.

Em 1949, o Comitê de Libertação de Nazim Hikmet, fundado e presidido por Trictan Tzara, desenvolveu uma campanha para fazer conhecer a obra e a situação do grande poeta turco, e manifestações em seu favor tiveram lugar no mundo inteiro. O Comitê, a Associação dos Juristas democratas e a União dos jovens turcos progressistas tomaram parte nesta atividade. E, em 14 de julho de 1950, a opinião mundial e a ação de massas na Turquia tiraram Nazim Hikmet do cárcere. De então para cá, o poeta viveu quase que exclusivamente em Moscou.

Nicolás Guillén, o poeta do povo cubano, não acreditou quando lhe disseram que Hikmet havia desaparecido. Respondeu: "A morte de Nazim não me convence. Convinco-me sua poesia, que é sua vida, a que o salvou e o salvará sempre de morrer."

O poeta Marcos Ana, portador dos presos políticos espanhóis, estará brevemente no Brasil. É, hoje, um homem sofrido, e que reconhece a sua "falta":

Meu pecado é terrível: eu qui encher de estrelas o coração do homem.

Por este "pecado", ficou durante quase 23 anos apaludado nos cárceres da Espanha franquista. Contudo, com os 41 anos de idade, agora, é ainda o jovem que aos 15 anos enveredou pelo caminho revolucionário: não renega seu passado, e está disposto a recomençar tudo de novo: "Sou comunista e, apesar de meus 23 anos de cárcere e de ter chegado por duas vezes às raíças da morte, se nascesse mil vezes, mil vezes tornaria a ser comunista".

A HISTÓRIA

Marcos Ana (pseudônimo de Fernando Macarro Castillo) nasceu em 20 de janeiro de 1921, em Ventosa del Rio Almar, na provincia de Salamanca.

Sua infância foi a terra da miséria e a miséria. Mas esta situação não lhe causava abatimento; ao contrário, as coisas, a vida lhe despertava uma inconfundível paixão, e buscava algum ideal, alguma verdade que o arrancasse dele mesmo e desse vazão à vitalidade que o animava.

De início, acenaram-lhe com a religião; em Alcalá de Henares, para onde se transferiu com sua família, foi nomeado para cargos dirigentes em congregações católicas. A religião, porém, não dizia a verdade que Marcos Ana esperava ouvir. Só a encontrou um dia, por acaso, quando assistia a um comício da Juventude Socialista, em Alcalá de Henares: "Fui tomado de um entusiasmo revolucionário tremendo; foi como conhecer a verdade de repente e enamorar-se dela". Tinha então 15 anos de idade.

GUERRA E CÁRCERE

Havia encontrado a alegria: tinha um caminho e uma responsabilidade. Não que as coisas se lhe tornariam fáceis daí para a frente, muito ao contrário: ingressar no movimento revolucionário era como reencontrar o chão calcinado de sua infância; porém, Marcos Ana tinha agora sua verdade, e com isto aquela infância, todas as coisas, a sua própria vida ganhava um sentido.

Quando estourou a guerra civil espanhola, em julho de 1936, Marcos Ana passou a trabalhar na organização da juventude. Posteriormente, com a fusão das Juventudes Socialista e Comunista em um só órgão, as Juventudes Socialistas Unificadas da Espanha, foi nomeado secretário do Comitê Comarcial da Juventude, que abrangia 42 povoados da região gona. Seu batismo como escritor se deu dois anos mais tarde: colaborava no jornal mural das trincheiras da Oitava Divisão da Juventude, da qual era ins-



trutor político. Como até hoje, escrever para ele já era uma das formas de lutar pela libertação de seu povo. Primeiro, foram crônicas e artigos. A poesia veio depois.

Com o final da guerra (março de 1939), o franquismo passou a imperar na Espanha, e a história de Marcos Ana, como a de milhares de milhares de combatentes patriotas, se tornou no inferno das torturas físicas e morais, através de um longo caminho: desde o campo de concentração de Alvará, passando pelos cárceres de Pórtier, de Conde de Toreno, de Ocaña, de Alcalá de Henares, até à Prisão Central de Burgos, onde passou os quinze últimos anos.

Os atrozes sofrimentos por que passou não foram porém suficientes para levar Marcos Ana ao desespero. Soube tudo suportar sem satisfazer aos objetivos da polícia franquista, que procurava levá-lo a denunciar seus companheiros. Sabia onde haurir as forças para resistir; ele mesmo o diz: "Só aqueles de nós que permanecemos fiéis a nossos ideais é que vencemos o aniquilamento do presidio. A moral revolucionária, a segurança no porvir vitorioso, as levantes como um dique humano e formidável ante a destruição física e moral imposta pelo regime carcerário franquista".

A POESIA

Na prisão, Marcos Ana procurou aprofundar seus estudos, e elevar a consciência revolucionária de seus companheiros de sofrimento; explicava-lhes por que sofriam, por que lutavam e por que sua causa era invencível; mostrava-lhes que, apesar da prisão, apesar das portas que os separavam da vida de todo o mundo, eles não estavam sós, que o povo espanhol e todos os povos do mundo se aproximavam e acabariam por derrubar todos os muros de todas as prisões.

A poesia lhe surgiu em 1934. Estava na "solitária" da Prisão Central de Burgos, e seus companheiros fizeram chegar à sua mão um pequeno livro de poesias de António Machado. Foi uma descoberta para Marcos Ana: ali estava uma forma de lançar ao mundo as mensagens do presidio, de atrair a solidariedade internacional para aqueles homens que a ditadura fascista lançara no esquecimento. Ele mesmo não poderá esquecer os jamaís. A sua própria liberdade só será total quando não houver mais um só patriota nas masmorras franquistas. É por isto que Marcos Ana vem percorrendo o mundo com sua poesia e seu testemunho sofrido, procurando fazer sentir a todos nós que os presos políticos da Espanha são homens que precisam de nossa ajuda para poderem vir ajudar-nos a "anegar de estrelas o coração do homem". Marcos Ana estará entre nós brevemente. Sabemos dar-lhe a acolhida que ele espera e que tanto merece.

ANISTIA!

Vão os pássaros gravando pelo espelho esta palavra; as ondas por sobre o mar; as aldeias sobre a encosta branca e úmida do rio; e o pastor pela montanha.

Orizans talham as letras com suas pequenas navalhas, na casa do próprio pai, nas árvores e nas talpas. Há mulheres que, em seus lábios com triste amor a deulham; outras que cravam um grito como uma bandeira branca.

Os estudantes a espalham com certo aroma de ardósia; nas cidades ela ascende junto com o fumo das fábricas; e vai o vento deixando-a pelas janelas e praças, nos cata-ventos e torres, pregadas nas cruzes altas...

Três "aputniks" no céu recolhem firmas douradas das estrelas e redigem em espanhol a PALAVRA.

Facó, Sodré e Alberto Passos

Em 28 de mês passado, na Livraria So José, prestou-se uma homenagem à memória de nosso companheiro Rui Facó. Naquela oportunidade, foi lançada sua última obra: *Cangaceiros e fanáticos*. O autógrafo de Luís Carlos Prestes substituiu o do autor.

Esse livro de Rui Facó é uma contribuição para a tomada de consciência nacional, trazendo ao nível do conhecimento objetivo diversos acontecimentos que permanecem quase por completo no mundo da fábula, no mundo do "sem-razão". O empenho do autor foi dar resposta principalmente às seguintes questões: Por que surgiu o cangaceiro? Por que surgiu o fanático? Que gerou o capanga? Que os faz desaparecer? E em sua resposta Rui Facó vai às raízes mesmas dos movimentos do cangaço e do fanatismo, provando que, com seus aspectos de violência e de heresia, aqueles movimentos eram na verdade formas de reação aguda contra a injusta e desumana estrutura social vigente naquela época e que até hoje perdura: o latifúndio que condena o homem do campo à miséria e à ignorância. — O livro de Rui Facó é, assim, de grande atualidade, pois que contribui para a compreensão histórica das lutas camponesas, que ora se alastram por todo o Brasil.

Naquela mesma oportunidade, foram lançadas também os livros *Inflação e Monopólio no Brasil*, de Alberto Passos Guimarães, e *Introdução à Revolução Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré.

O livro de Alberto Passos situa o complexo problema da inflação brasileira de forma inteiramente nova, relacionando-o com as raízes de nossa formação histórica e com o processo espoliativo imposto pelo imperialismo, causa mais profunda da perda contínua do poder aquisitivo de nossa moeda. — *Introdução à Revolução Brasileira*, por sua vez, é um estudo da evolução de nossa realidade sob seus diferentes aspectos: social, econômico, cultural, racial, político e popular.

edições
paz e socialismo
O que há de mais útil, atual e oportuno nos folhetos: A força do comunismo está em sua unidade Cr\$ 180,00
O leninismo em ação Cr\$ 280,00
Peia independência nacional Cr\$ 350,00
A estrutura da classe operária dos países capitalistas Cr\$ 450,00
Em espanhol e francês. Atende-se pelo reembolso. Pedidos e valores em nome de H. Cordeiro, rua da Assembleia, 34, salas 204 e 304, Rio (GB).

nr romance

Um Dia na Vida de Ivã Denissovitch

Alexandr Soljenitsin
Tradução de B. Albuquerque

Kilgas não sabe falar sem fazer anedotas. E, por isso, toda a equipe gosta dele. Quanto aos leões, todos no campo os tratam bem. É certo que Kilgas come normalmente: recebe dois pacotes por mês e tem cores que ninguém dita que está no campo. Assim, qualquer um conta anedotas.

Esta zona de trabalho é conhecida. Até que se consiga atravessá-la de ponte a pontal... Pelo caminho, organizam-se com umas rapasas da equipe 82: puseram-nos outra vez a abrir covas. Não que as covas tenham de ser muito grandes — cinquenta por cinquenta e cinquenta de fundo — mas é que esta terra, que até no verão parece de pedra, está agora congelada e não há quem lhe finque o dente. A barra de ferro resvala em cada golpe e arranca chispas do solo, mas nem o menor torrão de terra. Os rapasas estão dedicados cada um a sua cova. Como ali por perto não há nenhum lugar em que possam esquentar-se, nem tampouco lhes é permitido separarem-se, voltam à barra. É o único meio de aquecer-se.

Ao ver entre eles um de Viatka, que conhecia, Shukhov lhes aconselhou: — O que vocês devem fazer é acender uma fogueira em cima de cada cova. Assim a terra degelará um pouco.

— Não nos deixam — suspirou o de Viatka —. Não nos dão lenha.

— A única coisa que vocês têm a fazer é ir buscare-la. Kilgas cuspiu de raiva.

— Diga-me, Vânia: se os chefes tivessem cabeça iam fazer agora com que a gente estivesse removendo a terra com barras de ferro?

Kilgas ainda soltou alguns palavrões entre os dentes e depois calou-se. Quando faz tanto frio, qualquer um fala muito tempo! Caminharam ainda um trecho e chegaram ao lugar onde estavam sepultadas sob a neve as peças das casas pré-fabricadas.

Shukhov gostava de trabalhar com Kilgas. Seu único defeito era que não fumava e nunca recebia cigarro nos pacotes.

Efetivamente, a memória não havia traído Kilgas: levantaram entre os dois uma tábuca, depois outra, e deram com um rói de papel recoberto de breu.

Tiraram-no. Mas como levá-lo até à central? Se os vissem de alguma atalada, não importava; a única missão dos vigias é não deixar que os reclusos fujam. Mas, dentro da zona, podem aproveitar tudo que lhes caia à mão. Se se encontrassem com algum zelador do campo, também não era grave: ele próprio andava procurando coisas que podiam ser aproveitadas para o campo. Quanto aos demais reclusos, pouco lhes importava essas coisas pré-fabricadas. O mesmo acontecia nos chefes de equipe. Apenas preocupam-se com elas o aparelhador, que está em liberdade, o capataz dos presos e Shkuropatenko, o esgrovado. O tal Shkuropatenko não é ninguém: um preso como os demais; mas incumbiram-no de cuidar das casas pré-fabricadas para que os presos não usem as peças à vontade. Shkuropatenko é, portanto, quem tem mais probabilidades de vê-las naquele campo liso.

Nem se pode pensar em levá-lo deitado — calculou Shukhov —. O melhor será que o levemos de pé, abraçado entre os dois e escondendo-o um pouco com o corpo. De longe nem se nota.

Boa ideia a de Shukhov. Era difícil de agarrar, mas colocaram-no entre os dois como se fosse mais uma peça e se puseram a andar. De longe, realmente, pareciam dois homens que iam muito juntos um do outro.

Mas o aparelhador, de qualquer forma, perceberá logo quando o vir colocado nas janelas — opinou Shukhov.

— E que temos com isso? — protestou Kilgas, com ar surpreso. — Quando chegamos à central já estava assim. Vamos arrancá-los?

Também era verdade. Bem, com as luvas gastas, os dedos haviam fiado tão frios que nem sequer os sentia. Mas a bota esquerda aquecia. E as botas são o principal. As mãos se esquentam trabalhando.

Através da planura nevada, chegaram ao caminho aberto por um trem desde a oficina das ferramentas até à central. Via-se que já haviam levado o elemento.

A central ergue-se num outeiro e, atrás dela, termina a zona. Há tempos que não acontecia nada aqui. Todos os arredores estão cobertos de uma camada lisa de neve. Por isso ressaltam-se mais as marcas do trem e o atalho recém-aberto, onde os pés deixaram pegadas profundas: por aqui passou o 104. Já estão limpando, com pás de madeira, os arredores da central e um caminho para os carros.

Se funcionasse o elevador na central... Mas o motor fundiu e, parece, não o consertaram. Já se sabe o que isso significa: subi-lo nas costas até o segundo andar. A argamassa e os blocos.

A central térmica passou dois meses como um esqueleto cinzento, envolto em neve. Agora chegou a equipe 104. E ainda que seus homens tenham pouco brio, com o estômago vazio apertado pelo cinto de lona, ainda que o frio faça estalar as pedras, ainda que não haja nenhum local onde possa entrar calor, nem a menor chispa de fogo, volta a começar a vida aqui, agora que chegou a equipe 104.

Logo à entrada da sala de máquinas desfez-se o calor da argamassa. Era velhíssimo, e já havia convencido Shukhov de que não chegaria inteiro. Tiurín soltou uns quantos palavrões, naturalmente, mas claramente que ninguém tinha culpa. Nisto viu chegar Kilgas e Shukhov trazendo o rói entre os dois. Sentiu uma grande alegria e, em seguida, distribuiu os homens de outra maneira: Shukhov para pôr os tubos na estufa a fim de poder esquentar o quanto antes; Kilgas para armar de novo o esquite, tendo os dois estonianos como ajudantes, e Senka Klevshin, armado de uma acha, para tirar umas ripas compridas onde firmar o papel em breu para emendá-lo, porque era a metade da largura das janelas. De onde se podiam tirar as ripas? Porque o aparelhador não lhes dava tábuas para isso. O chefe de equipe olhou em volta, olharam também os outros, e viram que só havia uma saída:

Pudovkin

Há tempos, Manchete noticiou que tinha voltado a filmar o ator russo Inkiljnov, que trabalhara no famoso filme "Tempestade sobre a Ásia" em 1929. Até aí, tudo bem. Só que a revista acrescentou: "Tempestade sobre a Ásia" foi um grande filme de... Eisenstein.

Pudovkin, o verdadeiro diretor do filme, ficaria chateado se soubesse. Afinal, por mais genial que tenha sido Eisenstein, quem dirigiu foi o outro. Manchete, tão calejada no respeito à propriedade privada, podia citar um pouco melhor do respeito à paternidade do trabalho artístico.

Madame Lacerda

A esposa do governador Carlos Lacerda, ouvida pelo O Globo de sábado passado, declarou que considerava aquele vespertino "um grande jornal" e teve até a gentileza de considerá-lo "patriótico". Vê-se que Madame Lacerda não tem a mesma opinião de seu marido. Há poucos anos, fazendo alusão à peça de Sartre "A Prostituta Respeitosa", Lacerda escreveu na "Tribuna da Imprensa" que O Globo era "o respeito da imprensa brasileira".

Gilberto

Nun dos números mais recentes da revista O Cruzeiro, Gilberto Freyre (ele faz questão do "y" do sobrenome, para dar "yl") faz críticas a um certo "indolente e impertinente ante-alazaramista" que prolifera hoje no Brasil, invocando em favor da ditadura de Salazar o direito dos portugueses à "autodeterminação". Escreve Gilberto — o Theophilus de Andrade da sociologia — que "a política interna dos portugueses é para ser decidida por eles". Mas desde quando a questão de Angola, poderá ser considerada "política interna dos portugueses"?

Theophilus

Na mesma revista, o Theophilus de Andrade — que é o Gilberto Freyre da crônica política — aproveitando um intervalo na sua insistente cavacão para conseguir uma vaguinha na delegação do IBC que vai a Londres, defende a tese de que "foi o Front Popu-

laire que, na França, enfraqueceu a burguesia e enfraqueceu a nação, politicamente, preparando a sua derrota diante de Hitler". O que vem a demonstrar que o Theophilus, como historiador, ainda é pior de que como cronista político.

Fitzgerald's

A gramática da língua inglesa de Fitzgerald, há pouco reeditada pelo Globo, não se limita a ensinar o idioma falado nos Estados Unidos: ensina também os preceitos vigentes naquele país.

Uma das frases apresentadas aos estudantes para leitura concisa: "Os negros, em geral, são indolentes". Em face da legislação contra a discriminação racial, sabe-se que se deveria ensinar aos editores esta outra frase: "Os racistas, em geral, além de safados, tornam-se indolentes... na cadeia".

Rubriosa

Um leitor protestou contra a nossa informação da semana passada segundo a qual o proreitor Rubriosa foi casado com a filha de Batista. Verificamos que o leitor tem razão: Rubriosa foi casado com a filha de Trajillo. Mas o leitor pode constatar que a mudança de nome não alterou o conteúdo da observação. Tratava-se da filha de um ditador "bananero". E, como qualquer pessoa pode verificar pela fotografia, tratava-se de uma autêntica bruxa alibolada.

Geraldo Queiroz

Outro dia, o crítico de teatro do O Globo, Geraldo Queiroz, escreveu uma crônica a que deu o título de "Amesa de Continuum". Os revisores do jornal, entretanto, intoxicados pelo ambiente de pânico em que trabalham, assustados ante o fantasma do comunismo, mudaram o título para "Ameaça de Comunismo". No dia seguinte, o crítico viu-se obrigado a pedir desculpas aos leitores, esclarecendo que não tinha nada com o laço.

Arosemena

Esclareceu-se, enfim, a versão do imperialismo norte-americano pelo estilismo de Arosemena. Quando estava sóbrio, Arosemena obedecia aos trastes e andava bem com os gorilas. Quando bebia, porém, tornava-se homem de esquerda. Poucos dias antes da sua deposição, Arosemena tomou um pifão homérico e acusou o governo dos Estados Unidos de explorar impiedosamente os povos latino-americanos dos países subdesenvolvidos. O embaixador dos Estados Unidos em nossa cidade chamou-o de "Porrista" e disse-lhe, pedindo providências: "Porrista pode ser, pero nacionalista noi".

Boal

Augusto Boal adaptou a peça "As Famosas Asturianas", que está sendo levada no Teatro do Mourão, aqui na Guanabara. A peça, cujo original é de Lope de Vega, tem arrancado gargalhadas do público. É uma sátira política de grande atualidade: conta a história da exploração da Espanha pelos mouros e a sublevação do povo de Leão, sob o comando militar de um general nacionalista e com o estímulo decidido das mulheres asturianas. O rei espanhol, na peça, hesita entre a luta contra os inimigos do seu povo e o medo deste mesmo povo. Segunda-feira passada, quando o espetáculo acabou, um cidadão cumprimentou Boal e disse: — Gostei muito da adaptação. Sobre tudo daquela cena em que o general Osmino tem a discussão com sua majestade o presidente João Goulart...

arrancar um par de tábuas das que serviam de corrimão às escadas que iam para o segundo andar. Depois, os que subissem teriam de tomar cuidado para não cair; mas, que se podia fazer?

Qualquer um poderia perguntar: e que necessidade tem o preso de trabalhar dez anos no campo? Não fazendo nada, tem tudo solucionado. Andar sanando até à tarde, e depois dormir, que para isso foi feita a noite.

Mas qual! Para alguma coisa foi inventada a equipe. E não é uma equipe como as da gente que anda livre, onde pagam a Ivan Ivanovich seu sódio à parte, e a Piotr Petrovich o seu. No campo, a equipe está organizada de modo que não são os chefes que apertam os presos, mas sim eles mesmos uns aos outros. A coisa é clara: ou trem todos razão suplementar, ou todos se arrebatem. Não quer trabalhar, caninha, e eu vou passar fome por ti? De jeito nenhum! Mete os peitos, podrei!

E quando as coisas se põem como naquele dia, então sim é que não se pode nem folgar. Queiras ou não, usaspa-te e corre, se disse. Se dentro de duas horas não resolver aquilo acondicionado para poder entrar um pouco de calor, fizeram-se todos a p...

Pavlov já trouxe as ferramentas. Há de sobra. E alguns tubos. É certo que não vem nenhuma ferramenta de funileiro; mas sempre é possível arranjar as coisas. Com um martelo de serralheiro e uma acha pequena...

Shukhov esfrega as mãos, liga os tubos, martela as bordas, esfrega outra vez as mãos, e recomeça. Quanto à pequena pá, escondeu-a num lugar ali perto. Ainda que os da equipe sejam bons rapasas, sempre haverá algum capaz de pegar a troca. O próprio Kilgas, sem ir mais longe.

Todas as idéias alheias haviam fugido da imaginação. Shukhov não tinha nesse momento nenhuma recordação nem preocupação alguma. Só pensava no modo de ligar os joelhos dos tubos e orientá-los para fora para que não fizessem fumaça. Mandou Gopchik ir buscar arame para pendurar o tubo diante da janela, por onde devia sair.

(Continua)

LIGA OPERÁRIA FAZ CONGRESSO PELAS FAVELAS

Aprovando moção de louvor ao Prefeito Jorge Carone pelo decreto de desapropriação das áreas plantadas de eucalipto, os trabalhadores favelados, no lado das estudantes, realizaram de 14 a 21 último o Primeiro Congresso da Liga Operária-Estudantil. O encontro realizado na Vila Santa Rita de Cássia, uma das maiores favelas da capital, contou com o comparecimento, nas duas sessões principais, de vinte e dois representantes de União de Defesa Coletiva, com os Diretores da Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte.

RETROSPECTO

A ideia da realização do Congresso surgiu em face do agravamento dos problemas de habitação popular, ao mesmo tempo que não existia a assistência devida aos núcleos favelados por parte do Departamento de Habitação e Bairros Populares, órgão incumbido para, dentro da Prefeitura Municipal, cuidar por este setor.

A Liga Operária-Estudantil, foi fundada com a finalidade de melhor agrupar os moradores em favelas e vilas, dando-lhes uma orientação sobre os acontecimentos nacionais e, mais especificamente, sobre como solucionar os seus problemas.

TESES APROVADAS

Durante as duas reuniões plenárias, em que participaram o sr. Raimundo Amaral Tinti, Diretor do DHP, e o Vereador Dimas Peirin, foram aprovadas as seguintes teses — 1) apoio ao Prefeito por sua posição em face dos terrenos plantados de eucalipto; 2) moção de protesto às autoridades pelo não funcionamento do restaurante do SAPS, situado na Lapa; 3) preparação para o segundo Congresso dos Trabalhadores Favelados; 4) solidariedade ao movimento estudantil para a realização da Semana Contra a Carestia e Pelas Reformas de Base.

As resoluções do I Congresso da Liga Operária-Estudantil estão sendo levadas a todas as favelas, desde a próxima semana.

O prefeito Jorge Carone deveria aguardar o término das discussões em torno do projeto de emenda constitucional para desapropriar os lotes pagos da Capital.



Casas Populares Não Têm Água e Esgoto

Passados seis anos desde a sua inauguração, o núcleo residencial construído pela Fundação da Casa Popular, durante o governo do sr. Juscelino Kubitschek, no Bairro do Carlos Prates, encontra-se atualmente às voltas com inúmeros e graves problemas, ressentindo-se dos erros cometidos em 1957 pelo sr. Marcial do Lago, que o construiu rápida e descuidadamente para colher os votos que pretendia para eleger o irmão.

O núcleo é composto de 635 residências, nele habitando igual número de famílias de trabalhadores e ex-combatentes. Apesar de ter 2 reservatórios de água, eles estão frequentemente vazios, obrigando seus moradores a se abastecerem de diversas maneiras. Os esgotos, construídos à flor da terra, estão arrebentando e, com a falta de água, colocam a população do núcleo sob a ameaça de moléstias como a gastroenterite e a febre amarela. Apesar dessas e outras deficiências, ocorrendo agora por causa dos erros cometidos na construção do núcleo, a Fundação da Casa Popular determinou aumentar a taxa de administração de 50 para Cr\$ 900,00, obrigando os moradores do conjunto a um movimento que atinge desde o prefeito da capital até o presidente da República.

FALTA DE ÁGUA

Quando, em 1957, sendo presidente da República o sr. Juscelino Kubitschek, foi iniciada a construção do conjunto, no Bairro do Carlos Prates, destinado a atender os trabalhadores e ex-combatentes, o então superintendente da Fundação da Casa Popular, sr. Marcial do Lago, pretendendo obter nas eleições os votos das famílias beneficiadas (seu irmão era, na ocasião, o candidato a deputado federal), procurou dar por encerrada, no mais breve espaço de tempo, a construção do núcleo, não levando em consideração a necessidade de uma urbanização eficiente. A pressa em terminar o conjunto trouxe, como consequência, uma série de transtornos aos moradores do conjunto, em número superior a 600 famílias, que se vêm hoje às voltas com a falta de água e servidos por uma deficiente rede de esgotos, sujeitos por isso à incidência de graves doenças, como a gastroenterite e a febre amarela. Embora dispondo de dois reservatórios, com a capacidade de 125 mil e 1 milhão de litros, respectivamente, o núcleo permanece, freqüentemente, sem ser abastecido de água, fazendo com que seus moradores tenham, ou que se utilize, da água distri-

buida pelos caminhões-tanque da Prefeitura Municipal, em quantidade insuficiente e irregularmente, ou se servir da água de um córrego que corre nas proximidades, fonte de doenças, além dos perigos da contaminação, ao constante cheiro que exala do esgoto. O sr. Antônio José Santana tem quatro filhos menores e, como muitas outras famílias do conjunto, tem que manter-se vigilante, para impedir que eles se aproximem da canalização.

CANAL DA MORTE

Grande parte das famílias que habitam o conjunto utilizam-se das águas do córrego, situado na Avenida do Canal, as quais, há mais de três meses, se encontram represadas sem que o Departamento de Águas e Esgotos da PBH, solicitado já por diversas vezes, tome qualquer providência. Nêle, é feita a lavagem de roupa, crianças tomam banho e as mulheres apanham água para ser usada no cozimento dos alimentos. É conhecido como o "Canal da Morte", nome dado pelos próprios habitantes do conjunto das Casas Populares, devido a terem-se registrado ali, no ano passado, a vários casos de pessoas atacadas pela esquistossomose.

Em enérgico memorial ao prefeito Jorge Carone, a Associação dos ex-Combatentes de Minas Gerais, entidade que congrega os pracinhas e dos quais aproximadamente duzentos habitam o conjunto, denunciou que a água destinada ao núcleo residencial está sendo desviada para outros bairros vizinhos: Carlos Prates, Padre Eustáquio, Pedro II, Conjunto Residencial do IAPC, Vila Futuro e Magnólia. No documento, a entidade pede que a distribuição de água ao conjunto seja feita regularmente, embora durante um período pequeno de horas, para não deixar prejudicadas outras partes da cidade. Até hoje, no entanto, não foi normalizado o abastecimento para o conjunto, estando seus moradores sem a água de que necessitam.

ESGOTOS ARREBENTADOS

Outro problema que aflige a população do conjunto da Fundação da Casa Popular é o dos esgotos. Na pressa de concluir as obras do núcleo, tendo em mira ganhar a simpatia popular para as eleições que se aproximavam, o sr. Marcial do Lago construiu um sistema de esgotos deficiente, e, segundo dizem moradores do conjunto, sem a aprovação do Departamento de Águas e Esgotos da PBH. A canalização foi feita à flor da terra e, presente, apresenta-se, em vários pontos, com ameaças de ruptura ou já arrebentadas, constituindo-se em sério perigo para a saúde das 635 famílias que habi-

tam o conjunto. A residência do ex-combatente Antônio José Santana, por exemplo, à Rua Marcondes, 417, está com a canalização rompida há muito tempo, sujeitando seus moradores, além dos perigos da contaminação, ao constante mau cheiro que exala do esgoto. O sr. Antônio José Santana tem quatro filhos menores e, como muitas outras famílias do conjunto, tem que manter-se vigilante, para impedir que eles se aproximem da canalização.

Apesar de todas essas deficiências, a Fundação da Casa Popular, através de um decreto publicado no "Diário Oficial", determinou recentemente o aumento da taxa de administração de 50 para Cr\$ 900, com o que



Os dois reservatórios que servem o conjunto estão constantemente vazios, obrigando seus moradores a se utilizarem das águas de um córrego que existe nas imediações.

Estudantes e Operários Lançam Manifesto Contra Carta de Latifundiários

SETE LAGOAS (Do correspondente) — Os estudantes desta cidade, apoiados por irás, sindicatos operários locais, lançaram, semana passada, um manifesto ao povo mineiro, em resposta à "Carta de Sete Lagoas", divulgada dia 22 de junho último, pela Imprensa de todo o Estado. Nesse documento as classes produtoras locais — Associação Rural Centro de Minas, Associação dos Produtores de Leite de Sete Lagoas e Associação Comercial de Sete Lagoas — manifestam-se contra as reformas de base, especialmente a Reforma Agrária, a que foi depois reformada, em concentração realizada em Belo Horizonte, pelos latifundiários do Estado, liderados pela Federação das Associações Rurais do Estado de Minas — FAREM.

O manifesto do Comitê Estudantil Popular pelas Reformas, desta cidade, é o seguinte:

"A situação nacional exige uma tomada de posição clara e segura, mas que seja eficiente para colaborar na solução dos problemas brasileiros.

Há uma maioria que trabalha, produz e controla, porém, a maioria explorada, analfabeta e injustiçada.

Observando a realidade nacional e comparando com Sete Lagoas, vemos que as fraudes não são as mesmas: o roubo de salário, o desemprego, falta de habitação e de escola etc.

Enquanto a burguesia se associa livremente, os trabalhadores são perseguidos quando tentam formar seus órgãos de classe.

Devido a esta injustiça, clamamos todos aqueles que defendem as reformas estruturais para se unirem em um ideal único: o de independência: eis aí o tratado que Tiradentes nos legou.

A nossa luta é contra o subdesenvolvimento, a doença, o analfabetismo, a exploração do homem pelo homem, é uma luta pela promoção do homem e, consequentemente, por um Brasil justo, mais humano, que, futuramente, se projetará no cenário internacional como uma Nação desenvolvida.

É uma luta pela justiça, sem ódios e ressentimentos, mas é uma luta decisiva, sendo sempre seremos subjugados por uma classe rica e impiedosa.

Democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo.

Onde o analfabeto não vota, onde não há liberdade, onde não há fraternidade não há Democracia há uma farsa.

Quem defende esse estado de coisas é o grupo que se beneficia por ele, porque o que temos é um governo de ricos, pelo ricos, para os ricos.

Cristão é aquele que ama a Deus e ao próximo como a si mesmo e nestas Democracias em que há exploração do homem pelo

Desapropriação de Carone Vai Beneficiar Luciano; Prefeito Devia Esperar Por Emenda à Constituição

Depois de assinar um decreto declarando de utilidade pública, para fins de desapropriação, as áreas plantadas de eucalipto dentro da cidade, o prefeito Jorge Carone Filho começa a colocar seus técnicos no serviço de levantamento dos 50 mil lotes do Banqueiro e deputado Antônio Luciano Filho, para desapropriá-los "mediante prévia indenização em dinheiro e pelo justo preço e real valor", sem dar atenção aos debates em torno da emenda constitucional para fins de desapropriação mediante o pagamento em títulos, que, se aprovado, aliviaria a Prefeitura de Cr\$ 1 bilhão que terá de pagar àquele latifundiário se desapropriar os lotes segundo os termos do atual artigo 141 da Constituição.

Prometendo entregar os lotes desapropriados aos favelados de BH, enquanto não tem verbas para sustentar o Departamento de Bairros Populares, entregue à direção de um ex-gerente de banco, o prefeito Jorge Carone não conta com meios necessários para o pagamento dos 50 mil lotes do sr. Antônio Luciano e de suas plantações de eucalipto, sendo-se obrigada a lançar mão de empréstimos federais que beneficiarão o banqueiro dono da maior extensão de terras dentro de BH.

QUANTO PAGARA

Tido como dono de uma das maiores fortunas do país e antigo proprietário do Banco Financeiro da Produção, o sr. Antônio Luciano possui aproximadamente 50 mil lotes inaproveitados

em BH, que valem, em média, Cr\$ 900 mil cada um. Se a Prefeitura pagar por todos eles, irá gastar perto de Cr\$ 25 bilhões só para desapropriar os terrenos. Sem possuir o dinheiro necessário para o pagamento dos lotes, a Prefeitura vai ter que indenizar o sr. Antônio Luciano e a sua firma Fayal S. A. a sua parcela de eucalipto plantado nas áreas a serem desapropriadas, um preço mínimo de Cr\$ 3 mil por pé.

Podendo levantar 50% da quantia depositada para que a Prefeitura, seja limitada na posse do terreno, o sr. Antônio Luciano terá, em pouco tempo, alguns bilhões de cruzeiros em mãos, quantia que demoraria a apurar se colocasse à venda todos os seus lotes. Depois de julgada a ação de desapropriação, que pode durar, em média, um ano, terá a Prefeitura que pagar o restante do preço arbitrado na sentença, fato que daria ao sr. Antônio Luciano mais alguns bilhões de cruzeiros em dinheiro e à vista. Se considerarmos que os lotes são vendidos em BH quase sempre a prazos de cinco anos, a Prefeitura, com a desapropriação, os comprará praticamente à vista por seu valor atual, além de pagar as custas da ação, honorários de advogado e juros legais. Para o sr. Antônio Luciano a sua firma Fayal S. A., a desapropriação, será um bom negócio, pois os lotes serão comprados praticamente à vista, por seu real valor, dando margem a que se apurem bilhões de cruzeiros numa transação que, se fosse feita dentro dos processos normais de compra e venda de imóveis, não daria chance à apuração rápida e imediata de tal dinheiro.

COMO ESTA

Enquanto beneficia o sr. Antônio Luciano com a desapropriação de seus lotes e eucalipto, a Prefeitura não conta com verba suficiente para atender às centenas de pedidos diários de terrenos e lotes para os favelados que procuram a sede do DHP, em busca de um pedaço de terra para morar.

Numa cidade que possui setenta mil favelados, a Prefeitura já recebeu 30 mil inscrições para a entrega de lotes através do DHP, e teve que fechá-las, já que não tinha condições de atender aos pedidos formulados.

Sem dinheiro para atender os pedidos dos favelados que vão diariamente à sua sede, o Departamento de Bairros Populares, entre funcionários, horistas e comissionários, tem 180 pessoas trabalhando em suas salas, enquanto, na gestão passada, trabalhavam apenas 40.

Com a desapropriação, o prefeito Jorge Carone vai

«VERÃO EM MOSCOU»

Os promotores do concurso "Verão em Moscou" pedem comunicar que o bilhete premiado foi o de número 6 800, correspondente à extração da Loteria Federal de sábado, dia 15 de junho de 1963.

O Banqueiro e deputado Antônio Luciano tem mais de 50 mil lotes na Capital com plantações de eucalipto e, agora, o prefeito Jorge Carone quer desapropriá-los, pagando a vista.

AERONAUTAS E AERÓVIARIOS: CONGRESSO E AUMENTO

Os aerôviarios e aeronautas de Belo Horizonte estão se preparando para a realização do III Congresso Nacional dos Trabalhadores em Transportes Aéreos a se realizar no Recife, em novembro próximo.

Por outro lado, o aumento salarial, em sua campanha, não conseguiu obter 50% de aumento. Terça-feira última houve uma reunião na sede do seu Sindicato, situado na R. Guanari, ocasião em que foi confirmada a disposição de alcançarem e que reivindicam, mesmo encontrando opinião contrária por parte de certos setores do Departamento de Aeronáutica Civil que se batem por uma elevação de apenas 5% para os aeronautas e aerôviarios.

BELO ORIENTE: CAMPOSES EM SINDICALIZAÇÃO

A primeira Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Autônomos na Lavoufa do Município de Belo Oriente, fundada recentemente, está, no dizer de seu presidente, sr. Francisco Laureano dos Santos, em campanha de sindicalização, visando levar para a entidade todos os camponeses de Belo Oriente, município este recém-emancipado de Coronel Fabriciano.

Assim está constituída a Diretoria: J. J. A. L. presidente, Francisco Laureano dos Santos; vice, José Torres de Castro, também vereador no município; primeiro secretário, Manoel Camilo de Almeida; segundo secretário, José Milena; 1.º tesoureiro, José Aniceto de Oliveira; 2.º tesoureiro, Francisco Antônio. No Conselho Fiscal estão: Pedro Natalino, João Batista de Oliveira e Luis Augusto de Lacerda.

CONSTRUÇÃO CIVIL: LUTA CONTINUA

Continua a campanha dos operários da construção civil por um aumento salarial na base de 40%. Anteriormente era de 100% a proposta formulada, mas, devido a intransigência de seus patrões, eles passaram a pedir somente 65% para os serventes e 70% para os profissionais, para logo após darem para 40%, acatando a proposta conciliatória do Juiz Herbert Magalhães Drumond, do Tribunal Regional do Trabalho. Todavia, os empregados continuam com a intenção de dar-lhes somente 65% e sobre o último acordo, que, a prevalecer, será menos do que o atual salário mínimo, do que discordam os pedreiros, já se preparando para uma greve geral de protesto caso o Tribunal, a se reunir daqui a alguns dias, não dê o que pretendem.

DENTISTAS EM CONGRESSO

Encerra-se amanhã, dia 27, o I Congresso Mineiro de Odontologia, que está sendo realizado em Belo Horizonte, desde domingo passado, ao lado da Primeira Reunião Nacional de Professores de Odontologia.

O encontro, que é patrocinado pela Associação dos Dentistas de Minas Gerais, tem por fim: 1) promover o aprimoramento técnico e científico dos Cirurgiões-Dentistas; 2) estimular o espírito associativo da classe odontológica; 3) promover maior contato entre os componentes da categoria.

O Congresso foi aberto dia 21, na Secretaria de Saúde e Assistência, com a presença do Governador Magalhães Pinto, recebendo os dentistas participantes, durante estes dias, grande número de aulas que estão sendo ministradas por professores nacionais e estrangeiros sobre as matérias específicas, ou seja, segundo o temário elaborado: Prótese Parcial, Diagnóstico Endodôntico, Prótese de Encaixe, entre outras.

TRANSPORTE COLETIVO COM EMPRESA MISTA

Os dirigentes sindicais mineiros irão enviar ao Prefeito Jorge Carone Filho um memorial solicitando a criação de uma empresa mista para a exploração do transporte coletivo em Belo Horizonte. Com isso visam acabar com as arbitrariedades cometidas pelos concessionários que, além de pagarem mal aos seus empregados, onerando o cumprimento do acordo salarial resultante do término da última greve de motoristas, violam as leis trabalhistas com relação ao salário do menor e prestam péssimo serviço à população.

LACERDA ESCORRAÇADO NO RIO GRANDE DO SUL

Em plena campanha presidencial para 1963, o tráfego governador Carlos Lacerda despachou para o Rio Grande do Sul cerca de 20 carros oficiais, da SURBAN — espécie com a placa amarela — e cerca de 100 carros particulares "públicos", de que alguns, até o momento, ainda não foram oficialmente registrados. A maioria dos carros, porém, não foram para formar o "back-ground" de sua visita ao sul.

A tripulação das viaturas, homogênea. Várias centenas de policiais bem armados. Muitos de sua própria guarda pessoal — ao que parece, esses foram no avião em que viajou Lacerda —, mas a maioria, nos carros, retirados dos quadros da polícia guanabarina, para auxílio dos indícios e assassinos que infestam a cidade sob a proteção do governador.

RECEPCÃO

Quando a portinhola do avião particular — da Pfizer Corporation, a bordo do qual o governador viajou — se abriu, o governador pôs de fora a cara, começaram a ser jogados urubus mortos sobre o corvo vivo, cartão de visita do povo gaúcho, insultado com a visita do fascista.

As faixas tornavam inteligíveis os brados da multidão: "Fora o corvo da Guanabara", "Abaixo o matamendigos", "Go home", e outras do mesmo teor. A vontade do governador, com sua proverbial covardia, foi seguir o conselho da última faixa acima citada e pegar de volta o avião, pedindo ao piloto que rumasse direto para os Estados Unidos, sua pátria. Mas foi impedido pelos altos procedimentos do golpismo que o acompanhavam e teve de desem-

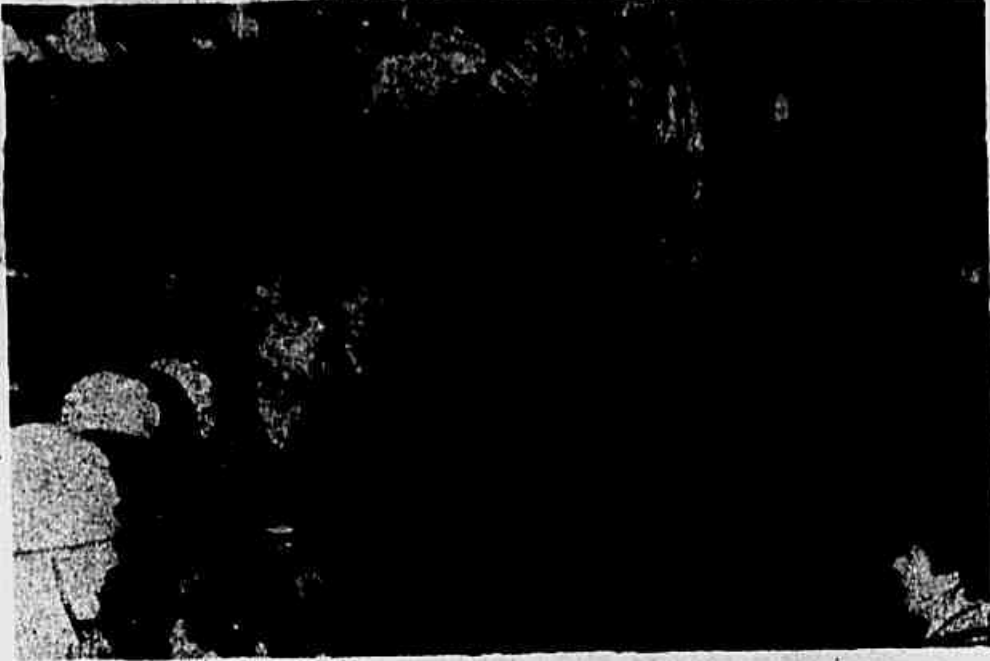
Por Que a URSM Mandou Foguetes Para Cuba?

Está a venda, nos Estados Unidos, um livro de nome "PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO". A obra aborda a participação da União Soviética nos conflitos internacionais e o papel da URSS na luta pela liberdade nacional, sob o ponto de vista de um artigo de Henrique Cavalli, secretário-geral do Partido Comunista da Espanha, e responde a indagações por que a URSS mandou foguetes para Cuba?

No texto dedicado ao intercâmbio de opiniões, esse número de 22 páginas aborda o problema da democracia nas condições da luta nacional-libertadora. Sustenta-se no debate que, ao decorrer da luta de libertação nacional, são imprescindíveis as ações de independência e democracia em dois aspectos indissociavelmente ligados de mesma luta.

A situação política do Brasil é analisada, também, no número 2, numa entrevista de Luís Carlos Prestes, que aborda a situação surgida em nosso País, depois do plebiscito de janeiro.

Outros temas tratados nessa edição: a luta pela derrubada do stalinismo (artigo de J. Morán); e a exploração, anticomunista, armada em torno da obra de Dostoiévski (artigo de Y. Kartakia). Agência e informações: Rua da Assembleia, 24 sala 204, Rio (GR), R. C. FACA — Edifício, R. CORDEIRO — Getúlio.



MANIFESTAÇÕES

O que houve no aeroporto e no caminho foi apenas uma amostra do que esperava o visitante indesejado. Inúmeras foram as manifestações de desgosto, da população gaúcha diante da visita, resultando numa das maiores demonstrações de repúdio que já recebeu um político em terras brasileiras.

No mesmo dia em que desembarcou — sábado — Lacerda teve de enfrentar a massa popular três vezes. A primeira foi na recepção oficial preparada pelo governador local, Ildo Meneghetti — já impopular, agora com a situação agravada por sua mancomunicação com o "qualting" guanabarina. O povo corou e palteou e enquanto duravam as contatadas entre os dois duraram as manifestações de repúdio.

Mais tarde, quando se dirigia para a residência do arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, foi atacado por enorme multidão no cruzamento de duas das principais ruas da cidade — Borges de Medeiros com Duque de Caxias — tendo a polícia, que agiu com energia para impedir até uma iminente agressão ao governador da Guanabara, segundo as expressões do próprio "O Globo" de segunda-feira, que procura por todos os meios atenuar o escorramento sofrido por Lacerda.

A manifestação mais vigorosa da sabatina, porém, verificou-se em plena rua Caldas Júnior, onde está sediada a Rádio Guaíba. Sabedor de que o corvo falaria na emissora, o povo, devidamente munido de urubus, concentrou-se no local. Eram mais ou menos 22 horas, coincidindo com a saída dos cinemas, o que aumentou a multidão consideravelmente. A manifestação foi num crescendo, culminando na tentativa de depredação do edifício — algumas janelas foram quebradas — que abrigava o indesejável. Foi preciso requisitar o Corpo de Bombeiros para tirar o homem lá de dentro. Mesmo assim, um dos muitos carros de

seus policiais foi alvejado a pedras durante a fuga pela rua Caldas Júnior.

Ainda no sábado, explodiu uma bomba nos escritórios da Pfizer Corporation, firma laique que se encarregou de transportar o titeiro em suas provocações eleitorais em sua viagem ao sul. O fato de a viagem ser realizada em avião de tal firma, esclarece a origem do financiamento das agitações que Lacerda, como bom empregado dos trustes, faz pelos Estados.

O Conselho Sindical do Rio Grande do Sul distribuiu notas públicas dizendo que "o movimento sindical do Rio Grande do Sul lança seu mais veemente repúdio à presença do conhecido inimigo da classe operária e do povo brasileiro, o sinistro matador de mendigos da Guanabara, assassino de Vargas, causador da ruína de João e, sem dúvida alguma, maior agente do imperialismo norte-americano em nosso país".

A presença de Lacerda serviu para fortalecer a unidade do povo gaúcho, como se pode ver pela nota conjunta que abaixo transcrevemos:

O Conselho Sindical dos Trabalhadores Gaúchos, o Comando Sindical de Porto Alegre, Movimento dos Agricultores Sem Terra, União Estadual dos Estudantes, Federações Universitárias do Rio Grande do Sul, Diretório Central dos Estudantes da PUC, Comando de Mobilização dos Servidores Públicos e Autôquicos, Associação Profissional dos Empregados da Petrobrás, Comitê dos Formalistas e a Frente de Mobilização Popular, deputados, vereadores e outras personalidades que a estes subscrevem, tendo em vista a afrontosa presença do governador da Guanabara nesta Capital, em pregação golpista, bem como a criminosa ação policial desfechada contra o povo, que, pacificamente e no exercício das liberdades democráticas, manifestava o justo repúdio àquele político, pelo que significa de antidemocrático e antipatriótico, por atos reiterados de subserviência aos interesses do imperialismo norte-americano, e considerando, ainda, que os excessos policiais praticados contra o povo pacífico desta Capital, inclusive mulheres e crianças, tiveram a ajuda injustificável de agentes da polícia matamendigos da Guanabara, com desrespeito às nossas instituições policiais e à

autonomia de um Estado da Federação Brasileira, que pelas suas tradições de dignidade e civismo, sobretudo pela sua vocação brasileira, não pode tolerar tamanho insulto e ofensa às suas prerrogativas, convidam os trabalhadores, estudantes, servidores públicos, camponeses, intelectuais, donas de casa e o povo em geral a um grande comício pelas liberdades democráticas, pelas reformas de base, contra as arbitrariedades policiais e pela punição de seus responsáveis".

O resultado da nota conjunta foi uma concentração-monstro realizada em Porto Alegre segunda-feira.

GREVES

Os trabalhadores gaúchos não limitaram suas manifestações a atos isolados, mas organizaram movimentos grevistas que duraram enquanto por lá esteve Lacerda.

Desses movimentos, os mais importantes foram os dos trabalhadores da Petrobrás — os operários que construíram a Refinaria Alberto Pasqualini paralisaram a obra durante toda a visita —, dos ferroviários, que deixaram as linhas vazias, dos portuários e dos estudantes.

VIOLÊNCIAS

As violências contra o povo, cometidas conjuntamente pelos bealeguins que Meneghetti mantém no Estado e pelas tropas de Lacerda, levou, começaram já no aeroporto, quando um ferroviário foi ferido à bala. O autor do disparo foi um general reformado lanterneiro, Plínio Figueiredo, que, apesar das milhares de testemunhas contra seu crime continua em liberdade.

Contam-se às centenas — inclusive crianças, velhos e mulheres — os presos e feridos pela sanha policial. Nos acontecimentos da noite de sábado, diante da Rádio Guaíba, ficaram feridas inúmeras pessoas que nem sabiam o que se passava, por vez que apenas saíam dos cinemas do centro e passavam pelas redondezas.

Domingo à noite, por volta das 22 horas, a polícia investiu furiosamente contra um comício que os estudantes realizavam dissolvendo-o, não sem luta, a golpes de cassetete, tiros e bombas de gás lacrimogêneo. Nada menos de 16 jovens tiveram de ser aten-

didos nos hospitais, feridos, após a refrega.

O ódio fascista dos homens de Lacerda voltou-se também contra a imprensa, particularmente contra os fotógrafos que documentavam as violências. Um deles, do jornal "Oitima Hora", foi barbaramente espancado, sendo recolhido ao hospital descorado.

Mas a ausência de Lacerda da Guanabara, muito curta infelizmente, não chegou a dar paz aos cartões. Até com ele distante as violências continuaram no Estado. Várias passagens foram presas na Cinelândia segunda-feira, quando, como é praxe, se formaram pequenos grupos para comentar as carreiras que o governador estava sofrendo no sul.

NÃO HOUE NADA

O engredo em todo isso é que o governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, em nota oficial publicada em "O Globo", vem a público para afirmar que não houve nada, que o Estado estava em calma, que o que havia era boato tentando alarmar, biá-biá, etc. Bombas, tiro, cassetete, pedras, urubus, o diabo, e o Meneghetti acha que não houve nada...

FUGA

Allá, o grande cuidado dos golpistas é apresentar a viagem de Lacerda como um êxito (é só ler "O Globo"), chegando ao ridículo de falar em coragem do governador guanabarina.

A primeira fuga de Lacerda foi logo no domingo, apavorado com o que se passava na capital gaúcha. Dizem as notícias locais que o mau tempo reinante chegara a obrigar o cancelamento da viagem que ele faria a São Gabriel. Mas, mesmo depois de cancelada a viagem, Lacerda preferiu o tempo nublado nos ares que o tempo quente em terra, e voou para aquela cidade por volta do meio-dia.

Segunda-feira à tarde o governador da Guanabara deveria ir — no automóvel blindado, especialmente levado para sua passagem no sul — visitar a cidade de Sapucaia. Quando os trabalhadores da Refinaria Alberto Pasqualini em greve, suberam, anunciaram que bloqueariam a estrada perto de Canoas e não o deixariam passar. Nem o carro blindado nem o batalhão de policiais de sua comitiva serviram para infundir-lhe um pouco de coragem. A viagem foi cancelada.

Finalmente, a fuga derradeira. Segunda-feira à noite seria realizada a sessão de encerramento do Congresso de Engenharia Sanitária no salão de atos públicos da Universidade do Rio Grande do Sul, ato que compareceria Lacerda. Mas a disposição dos estudantes era de não permitir que o corvo conspirasse o local, e o reitor foi obrigado a fechar as portas da Universidade ao comparecimento de "fuehrer" guanabarina causasse depredações. Lacerda preferiu não dizer nada. Arrumou as malas para a viagem de volta.

Bela atitude, sem dúvida, a do povo gaúcho, prenunciando o que acabará acontecendo a Lacerda, escorraçado de todos os Estados, repudiado por todo o povo brasileiro.



CANTO DE PÁGINA — ensaio

Mulheres do mundo inteiro

Chama-se assim a revista mensal editada pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, publicada em várias línguas e tendo sua redação em Berlim. É uma revista bem feita, bem cuidada, bem escrita, profusamente ilustrada, abordando todos os assuntos, pois se há coisa que me irrita é isso de haver revistas femininas falando apenas de modas, penteados, etc, como se a mulher de hoje vivesse apenas de futilidades. "Mulheres do mundo inteiro" neste número que acaba de me chegar tem — como os outros, alias — artigos impressionantes. Aqui é o depoimento da delegada japonesa ao Congresso Mundial de Mulheres que se reuniu em Moscou em junho passado. Ou este fabuloso documento de uma delegada italiana ao mesmo congresso, falando sobre a situação da mulher camponesa "realizando um trabalho produtivo igual ao homem" e que "em muitos casos não tem salário e é considerada somente como a mulher do trabalhador". Conta ela esta pequena história que merece ser conhecida: "há pouco, visitando com uma delegação uma província de Cuba, percorremos bairros recém-construí-

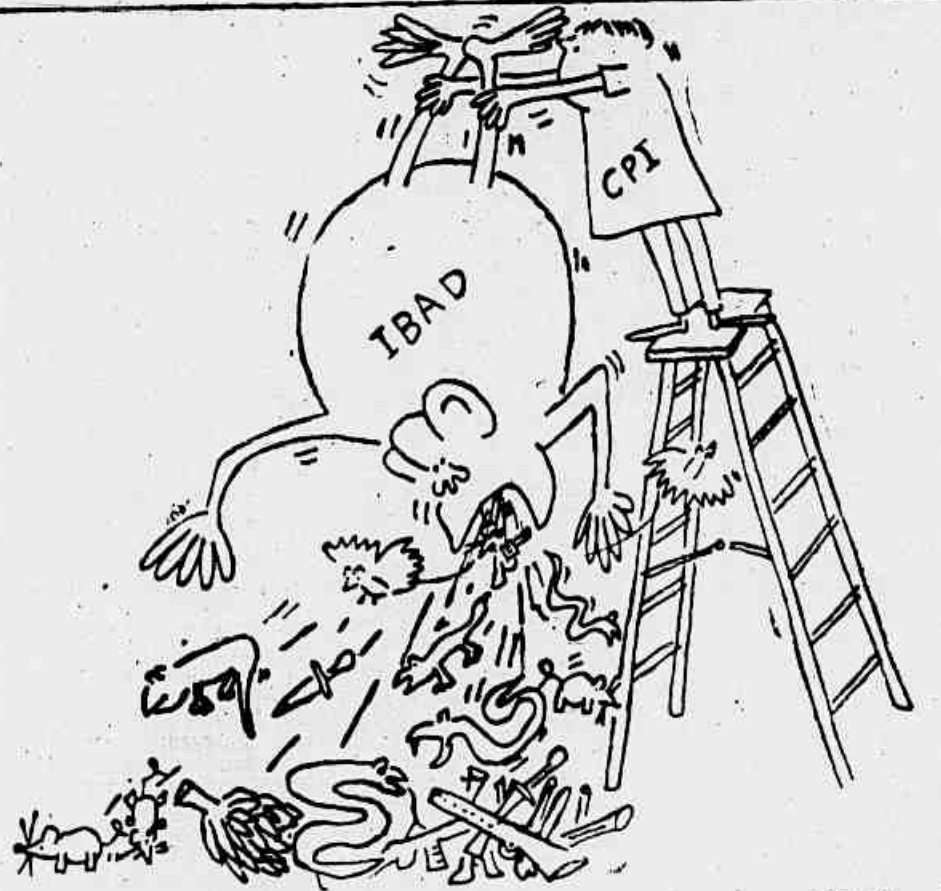
dos especialmente para camponesas que antes moravam em casebres maisaoca. Eram casas cheias de luz e de colorido, de concepção moderna, confortáveis e belas. Acompanhava-nos uma mulher camponesa, delegada de um país sul-americano. Depois de ter percorrido o bairro voltamos para ela disposta a fazer um comentário e vi que estava chorando. Perguntei porque, e ela disse: "estou pensando nos meus filhos. Eu vivo numa palhoça que é a metade de uma dessas casas; meus cinco filhos dormem numa só cama; dividimos a casa com uma irmã minha que tem também cinco filhos. Tudo o que fazemos é lutar para morar e comer..."

Nós que conhecemos como vive a mulher camponesa neste país tão sempre mal governado, que sabemos que aqui também a mulher trabalhadora da cidade e do campo vive apenas para trabalhar para comer (mal) e morar (pessimamente), sentimos as lágrimas dessa delegada. Lágrimas de alegria, mas há no mundo crianças tão infelizes, mas há no mundo crianças tão felizes. Lágrimas também de dor: quando serão felizes as — nossas — suas crianças?

GORILAS NO EQUADOR

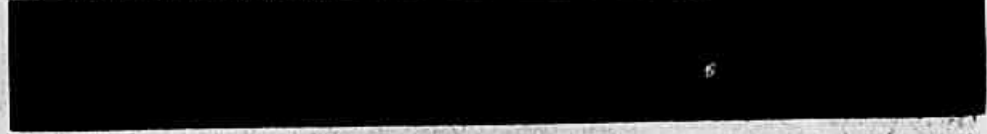


TRIBUNAL DE CONTAS



PE - DE - CADERA ROMA

Latifúndio e Trustes Encarecem o Leite



O Governo pretende, mais uma vez, atender às exigências dos grandes produtores de leite, ou melhor, dos produtores proprietários de grandes fazendas, impondo um aumento desnecessário e absurdo do preço do produto, "in natura", para os consumidores. Como sempre, procura desviar e anular, de quando em quando, através da SUNAB, a necessidade de os produtores serem amparados com melhor remuneração pelo seu trabalho, porque sabe que os consumidores são também produtores em setores diversos de atividade e por isso mesmo sensíveis a medidas que amparem os que produzem.

Entretanto, desta vez os responsáveis pela chamada política de abastecimento ficarão desmascarados, porque o povo, através de suas organizações, como a Liga Feminina do Estado da Guanabara, já está procurando entender o problema do leite e sabe que sua solução, em profundidade, não consistirá, jamais, em simples aumento de preço para o consumidor que, a bem dizer, não irá amparar os pequenos e médios produtores proprietários de pequenas fazendas que contribuem com a maior parte do volume de leite entregue ao consumo "in natura" e às grandes fábricas de leite em pó (Glória e Nestlé), subsidiárias do truste internacional de laticínios. A solução do problema em profundidade iria ferir os interesses dessas empresas imperialistas e dos produtores latifundiários e, por isso, os governos tanto do União quanto dos Estados, se acordaram. Mais uma vez se confirma uma verdade que só não entra pelos olhos de um não quem ver: a união do latifúndio e do imperialismo entravando o desenvolvimento do País, em prejuízo da população, dos verdadeiros produtores.

Um dilema para a SUNAB

Esse chamado problema do leite, por demais conhecido dos antigos órgãos governamentais, foi entregue à Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), novo organismo que se apresentou com suas BASES E DIRETRIZES, afirmando não ser apenas "mais um" órgão e salientando, "como nota de ação", que pretendia seguir "o princípio da prevalência do interesse social sobre quaisquer outros".

Ninguém duvida da sinceridade dos seus dirigentes ao traçarem suas linhas mestras de conduta, em suas BASES E DIRETRIZES, nem da eficiência de seus técnicos. Traçaram espontaneamente essas linhas, porque a lei não os obrigava a fazê-lo, e ressaltaram, de saída, talvez ingenuamente, que "no amparo ao produtor, na disciplina da comercialização e na garantia do abastecimento estruturada-se a trílogia que marca a ação da SUNAB, que indica o sentido e revela o campo de sua atividade, definindo, por assim dizer, a sua própria filosofia". Agora a SUNAB está num dilema: atender às exigências dos la-

tifundiários do leite e abandonar sua linha de conduta já anunciada, ou reafirmar esta linha, dando solução justa ao problema, fundada naquele "princípio de prevalência do interesse social sobre quaisquer outros".

Chantagem da CRB

A Confederação Rural Brasileira, controlada pelos grandes fazendeiros latifundiários, apresentou memorial à SUNAB em que exige o preço de Cr\$ 73,50 por litro de leite, na fazenda, como se esse preço surgisse de uma pesquisa de custo. Entretanto, sabe-se que antes fixou o preço que iria exigir e, depois, arranjou cálculos para justificá-lo. O inverso do que ocorre quando se procura o preço justo de uma mercadoria, que deve surgir, finalmente, da formação do custo, acrescida de despesas e lucro. E o que comprovou essa chantagem da CRB foi a divergência entre sua Comissão de Pesquisas de Leite e a FARESP, na assembleia que realizaram para combinar que preço deveriam exigir. Essa comissão, tida como técnica, apresentou um trabalho de "pesquisa de custo" que indicava o preço de Cr\$ 108,00 por litro. O representante da FARESP, que viera à última hora de São Paulo, apresentou o resultado também de "pesquisa de custo", indicando Cr\$ 60,00 por litro. Foi um Deus não acuda. Diante de reportagens desmascaradas, não seria possível tamanha diferença se em verdade, fossem feitas pesquisas, pois se trata de produto produzido nas mesmas bacias leiteiras. Depois da assembleia, os dirigentes da CRB reuniram-se sigilosamente e resolveram fixar o preço de Cr\$ 73,50 por litro. Os "pesquisadores" entraram em campo para arranjar cálculos que iriam justificar o preço no memorial finalmente entregue à SUNAB.

O superintendente da SUNAB, sr. Benedito Pio da Silva, não entende do problema do leite e manda estudar o assunto. Os que fazem em nome dos produtores, embora os explorem, passaram a fazer declarações à imprensa já indicando que, para o consumidor, o leite iria custar mais de 100 cruzeiros. E, dentro de uma técnica conhecida de propaganda, os exploradores do leite e as próprias autoridades repetem, de vez em quando, que é preciso amparar o pequeno produtor.

Todavia, um memorial entregue ao sr. Pio da Silva, pela Liga Feminina do Estado da Guanabara, demonstrou ao superintendente da SUNAB que seria difícil fluidir o povo, pois o problema do leite já não é segredo.

Diz o memorial da Liga Feminina: "As empresas distribuidoras de leite 'in natura', notadamente a CCPL, que se acoberta com a capa do cooperativismo e não é, a rigor, uma cooperativa de produtores, e a Confederação Rural Brasileira exigem sempre, como o fazem agora, majorações absurdas, a pretexto de melhorar a remuneração do produtor. Entretanto, os pequenos e médios produtores, nas bacias leiteiras que abastecem o Es-

tado da Guanabara, Belo Horizonte, Niterói, São Paulo e Vitória, são explorados pelos que adquirem seu produto. A parte que cabe ao produtor, do preço final do leite "in natura" no mercado de varejo, vem sendo reduzida, em relação à margem da intermediação. Bastaria lembrar que, pela Portaria-COFAP n.º 660, de 23 de junho de 1961 (publicada no D.O. da União de 26 de junho de 1961), cabia ao produtor 64,68% do preço do leite engarrafado, pago pelo consumidor, no mercado carioca. Atualmente, o produtor já não dispõe nem de 60% do preço final. E nem sempre o pequeno produtor recebe o preço fixado nas portarias tabeladoras e quando lhe pagam esse preço é somente para o leite destinado ao consumo "in natura". As portarias da COFAP chegavam a fixar preço menor para o leite destinado à indústria. A de número 660, já referida, tabelava o leite em Cr\$ 15,20 por litro, na fazenda, e Cr\$ 23,50 do varejista ao consumidor (produto engarrafado), mas estabelecia, no seu artigo 2.º, "como preços de venda para o excesso da quota de leite destinado ao consumo 'in natura' aproveitado para outros fins, por litro de leite integral, do produtor ao interessado, Cr\$ 12,30 até Cr\$ 15,20".

Exploração do pequeno produtor

Os pequenos produtores (os que produzem até 150 litros diários) são explorados pelos que adquirem seu produto: fábricas de leite em pó e usinas regionais controladas por industriais e grandes produtores. No período das águas, de chamada safra de leite, quando o produto é mais abundante, as indústrias pagam-lhes preços baixíssimos, sob alegação de que a grande oferta, no período de seca, ou seja, a entre-safra, quando poderiam obter preço melhor destinado ao produto para o consumo "in natura", ficam sujeitos a entregar uma determinada quota aos industriais, a baixo preço, porque estes ameaçam os pequenos produtores de não adquirir qualquer quantidade no decorrer da safra se deixarem de fornecer-lhes no período da seca. Por outro lado, e isto observa a Liga Feminina em seu memorial, "no raro, as péssimas condições de transporte de que se valem os pequenos produtores fazem com que o leite ao chegar às usinas apresente elevado grau de acidez. Quando isto ocorre, o intermediário ou industrial, abusivamente, reduzem como quiverem o preço do produto. Vale salientar que o pequeno e mesmo o médio produtor não dispõem de meios para saber, ao certo, quando o grau de acidez de seu leite se elevou demasiado e quem disso lhes informa é o próprio comprador, podendo ocorrer que este declare o produto ácido, mesmo quando esteja bom, sempre que pretenda desvalorizá-lo para adquiri-lo a baixíssimo preço". Entretanto, o leite ácido é industrializado, e deixa grandes lucros às fábricas de leite em pó, que sempre pagam preço inferior ao que se exige ao Governo, a pretexto de amparar o produtor. Recentemente, pequenos produtores de Barra Mansa denunciavam a Nestlé como empresa que esta-

va pagando preço inferior a Cr\$ 36,50 por litro, que é o vigente, tabelado, na fazenda.

Latifúndio encarece o leite

Um dos fatores que elevam o custo do leite é a renda da terra, que entra nos cálculos de formação de preço. Quanto maior a produção por hectare, menor o custo, é claro. Mas nas bacias leiteiras que abastecem os principais centros consumidores temos, ainda, uma escassa produção que não atinge um litro por hectare e por dia. Flocos comprovados, por um trabalho de pesquisa nas bacias leiteiras, realizado pela Comissão Nacional de Pesquisas de Leite (recentemente extinta) do Ministério da Agricultura, sob a presidência do conhecido técnico Rômulo Joviano, que os menores custos foram encontrados nas fazendas de 26 a 500 hectares. Custos bem mais elevados foram encontrados nas grandes fazendas de mais de 500 hectares, de mil, de 2 mil e de mais de 2 mil hectares.

As grandes propriedades participam com 62% do volume de leite produzido e, também nessa mesma proporção, do abastecimento. As pequenas propriedades, de até 50 hectares, e as médias, de 51 a 250 hectares, fornecem, pois, bastante leite, mas não representam força econômica para defesa dos interesses dos pequenos produtores. São os latifundiários que, em harmonia com as empresas do truste do leite em pó, comandam o mercado e ditam os preços.

Observe-se, entretanto, que o custo do leite do latifúndio se eleva porque nele se inclui a renda da terra. Em verdade, os latifundiários gastam pouco, pagando miseráveis salários aos empregados. E é reduzida a produtividade das grandes fazendas, ainda ali observando-se que as pequenas e médias são a que dão maior produtividade. No trabalho técnico "Bacia Leiteira da Cidade do Rio de Janeiro"

te. Agora é a SUNAB que passou a estudar. Os organismos governamentais estão sempre estudando, jamais aplicam os resultados dos estudos, como estudantes relapsos que vivem eternamente matriculados nas faculdades.

O argumento do encarecimento das rações balanceadas ficou desmoralizado quando técnicos do Ministério da Agricultura e da COFAP comprovaram que as vacas de leite, na sua quase totalidade, não consomem ração. Observa o relatório da Comissão de Sindicância do Leite, instituída pela Portaria-COFAP n.º 855, de 14 de agosto de 1961, que "os rebanhos leiteiros integrantes das bacias que fornecem leite para os centros mais populosos (Guanabara, São Paulo, Estado do Rio) vivem às soltas, relegados ao regime exclusivamente de pasto. Deviam, a nosso ver, ser submetidos ao regime de semi-estabulação, que além de ser mais aconselhável, no caso, para mantê-los em estado de nutrição equilibrada seria o adequado para corrigir as anomalias de uma alimentação deficiente. Sem contestação, a boa produtora não pode alimentar-se somente de forrageiras pobres para a sua capacidade ideal de produção".

A Comissão de Sindicância do Leite, que foi dirigida pelo professor Leonildo Tuche, salientava que o criador deve alimentar a vaca racionamente com ajuda de misturas concentradas, mas esse processo só é econômico quando o animal produz mais de 8 litros diários.

Sabese que nossas vacas são de baixa produtividade. Ficuzem, em média, 3,2 litros diários. Mas a culpa disto não cabe ao consumidor, e sim aos grandes criadores que não melhoram seus rebanhos e ao Governo que não age em favor do pequeno produtor, fornecendo-lhe ajuda técnica e creditícia para que mantenha plantéis que produzam bem e a reduzido custo.

Argumentos desmoralizados

Todos os argumentos que vêm sendo usados pelos latifundiários do leite já foram desmoralizados, em trabalhos de pesquisa feitos pelos próprios órgãos oficiais. Mas os resultados desses trabalhos são sempre engarrafados e o Governo cede, docilmente, como se não conhecesse, em profundidade, o tão falado problema do lei-

te. Agora é a SUNAB que passou a estudar. Os organismos governamentais estão sempre estudando, jamais aplicam os resultados dos estudos, como estudantes relapsos que vivem eternamente matriculados nas faculdades.

O argumento do encarecimento das rações balanceadas ficou desmoralizado quando técnicos do Ministério da Agricultura e da COFAP comprovaram que as vacas de leite, na sua quase totalidade, não consomem ração. Observa o relatório da Comissão de Sindicância do Leite, instituída pela Portaria-COFAP n.º 855, de 14 de agosto de 1961, que "os rebanhos leiteiros integrantes das bacias que fornecem leite para os centros mais populosos (Guanabara, São Paulo, Estado do Rio) vivem às soltas, relegados ao regime exclusivamente de pasto. Deviam, a nosso ver, ser submetidos ao regime de semi-estabulação, que além de ser mais aconselhável, no caso, para mantê-los em estado de nutrição equilibrada seria o adequado para corrigir as anomalias de uma alimentação deficiente. Sem contestação, a boa produtora não pode alimentar-se somente de forrageiras pobres para a sua capacidade ideal de produção".

A Comissão de Sindicância do Leite, que foi dirigida pelo professor Leonildo Tuche, salientava que o criador deve alimentar a vaca racionamente com ajuda de misturas concentradas, mas esse processo só é econômico quando o animal produz mais de 8 litros diários.

Sabese que nossas vacas são de baixa produtividade. Ficuzem, em média, 3,2 litros diários. Mas a culpa disto não cabe ao consumidor, e sim aos grandes criadores que não melhoram seus rebanhos e ao Governo que não age em favor do pequeno produtor, fornecendo-lhe ajuda técnica e creditícia para que mantenha plantéis que produzam bem e a reduzido custo.

Também o argumento do salário ficou desmoralizado, quando em 1961 pediam aumento a pretexto de amparar o produtor e pagar majorações salariais aos trabalhadores do campo. A Comissão de Sindicância verificou, nas fazendas, que não ia acima de 140 cruzeiros a diária do vaqueiro, que era a mais alta. E ainda agora, em nenhuma fazenda se paga salário mínimo, tomado sempre como base de cálculo para formação de preço.

A Comissão de Sindicância do Leite preocupou-se com o problema econômico de nossa pecuária leiteira, após desmoralizar os argumentos gastos da CRB, e invocou o exemplo dos países civilizados que deram solução a problema idêntico. Citou o caso da Dinamarca, que possui área territorial idêntica à do Estado do Rio. Esse país, com 1.600.000 vacas em lactação, tem o dobro da produção brasileira, que dispõe de 7 milhões de vacas. Comentou, então, que o resultado tão auspicioso a que chegou a Dinamarca "devesse ao fato da exploração intensiva das propriedades agrícolas, com o auxílio da inseminação artificial. O referido país possui uma área de 3 milhões e 120 mil hectares de terras agricultáveis,

divididas em 206.147 propriedades que variam de 1 a 60 hectares. As pequenas propriedades favorecem as divisões das pastagens, onde o pastoreio rotacional oferece vantagens em sua utilização alternada".

Embora verificasse que não haveria necessidade, em 1961, de qualquer aumento do preço do leite, a Comissão de Sindicância sugeriu que se desse, como incentivo ao produtor, mais 50 centavos por décimo de grau de teor de gordura que excedesse ao índice de padronização. Isto não alteraria o preço do leite destinado ao consumo "in natura", que é padronizado em 3% de teor de gordura. Mas os que falavam, como o fazem, agora, em nome do produtor, recusaram essa sugestão e realizaram o "lock-out" do leite. E exigiram do então primeiro-ministro Tancredo Neves a liberação total dos preços do leite. O Governo cedeu mais uma vez e mandou a COFAP liberar os preços. Daí por diante foi sendo reduzida a parte que cabe ao produtor, no preço final, em relação à margem de intermediação. A CCPL conseguiu, logo, aumentar suas margens. Alegava que seu lucro se limitava a Cr\$ 0,50 por litro de leite distribuído, enquanto sua concorrente, a Companhia Mineira e Fluminense de Laticínios, distribuidora do leite Vigor, lucrava Cr\$ 3,00 por litro. A CCPL distribui de 200 a 300 mil litros diariamente, sendo o consumo total, na Guanabara, de 500 a 600 mil litros, quando o abastecimento é normal. A distribuição atualmente baixou para um total de 250 a 300 mil litros, como forma de pressão para a majoração de preços que exigem. Alega-se escassez nas fontes produtoras, mas as indústrias de leite em pó se encarregaram de desmoralizar esse argumento quando promoveram à COFAP que mandariam leite para o consumo carioca, desde que fossem liberados os preços de seus produtos.

Medidas de solução

A Liga Feminina do Estado da Guanabara, defendendo a tese de que o leite é um alimento social, por isso que o controle de sua produção e distribuição não pode estar sujeito a grupos econômicos, sejam estes nacionais ou estrangeiros, pediu ao superintendente da SUNAB que determinasse seguintes providências de curto, médio e longo prazos:

a) manutenção dos atuais preços do produto padronizado com 3% de teor de gordura, pagando-se ao produtor mais um cruzeiro por décimo de grau de gordura que exceder ao índice de padronização, e intervenção ampla no mercado do leite, atingindo entrepostos centrais, usinas regionais e fábricas de leite em pó, para apuração de seus lucros;

b) encampação dos entrepostos centrais e usinas regionais, de modo a que a SUNAB (ou empresa que lhe for subordinada) passe a adquirir o leite dos produtores, diretamente, pagando-lhes preço justo, e distribuí-lo nos centros de consumo;

c) encaminhamento da solução do problema econômico de nossa pecuária leiteira, que inclua a organiza-

ção de granjas com vacas de boa produtividade nas proximidades dos grandes centros consumidores.

Se a SUNAB puder agir fundada naquele princípio, que ela própria escreveu em SUAS BASES E DIRETRIZES, da prevalência do interesse social sobre quaisquer outros, no trato dos problemas do abastecimento, irá manter o preço do leite "in natura" no mercado de varejo. O antigo preço ao produtor, que nasceu de pesquisa séria, dirigida pelo sr. Rômulo Joviano, se ajustado com base nos índices de aumento do custo de vida (alimentar), dos preços das gêneros alimentícios e dos produtos agrícolas, publicados pela REVISTA CONJUNTURA ECONÔMICA, irá para Cr\$ 43,00 por litro. Ora, o leite de nossas bacias leiteiras apresenta, em média, um teor de 4% de gordura. Como o atual preço ao produtor é de Cr\$ 36,50, deduz-se que, aceita a sugestão de Liga Feminina, que se inspirou na antiga Comissão de Sindicância do Leite, o produtor passaria a receber, em média, Cr\$ 44,50 por litro, uma vez que receberia mais um cruzeiro por décimo de grau de teor de gordura que excedesse ao índice de padronização, que é de 3% para o leite tipo C, distribuído no mercado de varejo.

A encampação dos entrepostos centrais e usinas regionais evitaria aumentos nas margens de intermediação e garantiria ao produtor aquele preço. Entretanto, o Governo teria de encampar, imediatamente, as fábricas de leite em pó, que passariam a industrializar, apenas, as sobras do leite, depois de abastecido o mercado do produto "in natura". Sabese que a produção de leite, no período das águas (saíra), corresponde a uma vez e meia a do período da seca (entre-safra). Desta modo, as fábricas transformariam as sobras da abundância em leite em pó, que poderia ser vendido por preços acessíveis às populações de centros distantes das bacias leiteiras, onde aumenta cada vez mais a mortalidade infantil.

O Brasil produz cerca de cinco bilhões de litros de leite, anualmente, produção reduzida para sua população e, além disso, desigual na sua distribuição no território nacional. Mais de dois terços do total são produzidos pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Todos os Estados das regiões Norte e Nordeste não alcançam dez por cento da produção nacional. Com a encampação das fábricas de leite em pó o Governo poderia melhorar cada vez mais o abastecimento do produto às populações dessas regiões, a proporção que for aumentando a produtividade por hectare e por vaca, nas atuais bacias leiteiras, e organizando granjas produtoras, com vacas estabelecidas, nas proximidades dos grandes centros consumidores.

Mas uma solução de profundidade, que interessaria a toda a população brasileira e aos pequenos e médios produtores, não pode ser encaminhada pelo Governo, se este não tiver coragem para contrariar os interesses do latifúndio e das empresas imperialistas de laticínios, que estão coligadas entravando o desenvolvimento econômico de nossa pecuária leiteira.

NOVOS RUMOS